

O ESPÍRITO SANTO

Pr. Dr. Reynaldo Purim, Ph. D.

APRESENTAÇÃO

Os métodos utilizados no estudo da doutrina do Espírito Santo nem sempre têm sido os mais adequados. A falta de uma boa metodologia aplicada a esse estudo resulta em interpretações distorcidas que preservam as dúvidas levantadas pelos estudantes da Bíblia, quando não levam ao surgimento de seitas e grupos heréticos.

Felizmente, para evitar esses males, o leitor pode agora fazer uso da nova edição desta obra, de autoria do saudoso mestre, Dr. Reynaldo Purim. Quem o conheceu de perto e "bebeu" aos seus pés como aluno do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, ou por onde quer que ele tenha pregado e ensinado, encontram neste livro como que a presença viva do seu velho professor e as marcas indeléveis de sua atuação como filósofo, teólogo e exegeta.

O autor propõe-se a estudar a obra do Espírito Santo "nos termos ou na perspectiva histórica do Cristianismo primitivo". O ponto de partida é Jesus Cristo - sua pessoa e seu ensino acerca do Espírito Santo. A sequência lógica e natural é o exame dos Atos dos Apóstolos para interpretar as experiências que os apóstolos tiveram com o Espírito Santo, desde a vinda histórica do mesmo Espírito, no dia de Pentecostes, até a sua atuação na propagação do Cristianismo histórico.

Três diretrizes básicas norteiam esta pesquisa histórica:

1. Na apreciação do valor da história que é narrada no livro de Atos, é necessário fazer-se uma separação entre a mensagem e os seus aspectos visíveis e externos;
2. É imprescindível considerar-se a natureza dos fatos históricos - eles não podem ser repetidos nem imitados;

3. Nenhuma experiência pessoal deve ser tomada como base para a formulação de uma doutrina do Espírito Santo, se não estiver em harmonia com o exemplo e ensino de Jesus e dos apóstolos.

Trata-se de uma obra em que o autor consegue harmonizar profundidade teológica e abrangência no tratamento do assunto com simplicidade de linguagem e concisão de estilo.

Para quem já estava familiarizado com as lições do grande mestre, ou já tem segurança na interpretação da doutrina do Espírito Santo, vale a pena ler de novo. Para os outros, este livro é o ponto de partida para o entendimento claro deste assunto que é de importância vital na experiência crista.

Pr. Roberto Alves de Souza

PREFÁCIO

Este livro é o resultado de estudos apresentados em vários retiros de pastores de que o autor foi preletor, com o acréscimo de matéria sobre o mesmo assunto, publicada em alguns periódicos. Seu lançamento atende às solicitações que, em grande número, obreiros participantes desses retiros lhe fizeram.

A matéria aqui exposta, entretanto, não se limita a esses artigos e preleções. Muitos aspectos desses estudos foram aqui ampliados e desenvolvidos. Outros itens, entretanto, são de matéria nunca publicada, nem apresentada sob forma de preleção. Mesmo assim, este livro não pode ser considerado uma exposição completa do assunto. A matéria abordada e exposta em forma resumida, em face do interesse que os crentes têm hoje sobre o assunto.

A finalidade desta obra é apresentar aos leitores uma diretriz, segundo a qual deve ser estudada a atuação do Espírito Santo no estabelecimento e na propagação do Cristianismo. Não pretende ser, evidentemente, a última palavra sobre o assunto, mas visa a estimular

os leitores à iniciativa de examinarem, por si próprios, o assunto como ele realmente se encontra no registro histórico dos fatos bíblicos.

O Autor

SUMÁRIO

Introdução

I – A Promessa e o Ensino de Jesus Referentes ao Espírito Santo.

- 1 – Jesus como intérprete e interpretação da obra do Espírito Santo.
- 2 – A obra do Espírito Santo definida por Jesus.

II – A Vinda Histórica do Espírito Santo.

- 1 – O cumprimento histórico do ensino de Jesus no Pentecostes.
- 2 – O significado dos aspectos sensíveis da vinda do Espírito Santo.
- 3 – O Espírito Santo na experiência subjetiva dos apóstolos.
- 4 – O significado para os apóstolos do seu “batismo no Espírito Santo”.

III – O Espírito Santo na Formação da Igreja

- 1 – O significado da expressão “receber o dom do Espírito Santo”
- 2 – O estabelecimento do Cristianismo Histórico como obra do Espírito Santo
- 3 – A atuação empírica do Espírito Santo nos cristãos primitivos
- 4 – A atuação racional e ética do Espírito Santo

IV – O Espírito Santo na Expansão Universal do Cristianismo

- 1 – A atuação histórica do Espírito Santo entre os samaritanos
- 2 – A atuação do Espírito Santo na evangelização de um etíope
- 3 – A atuação do Espírito Santo na implantação do Cristianismo entre os gentios
- 4 – O Espírito Santo no estabelecimento da obra missionária

V – O Espírito Santo na Consolidação Doutrinária do Cristianismo

1 – A atuação do Espírito Santo na separação entre o Cristianismo e a lei mosaica

2 – O Espírito Santo na definição da obra de João Batista em face do Cristianismo

3 – O Espírito Santo na definição das emoções e do entendimento racional da vida cristã

4 – A unidade dos crentes na igreja

5 – Diferentes ministérios da história da igreja universal

6 – O dom mais excelente para todos os crentes

7 – O problema das manifestações emotivas desordenadas na igreja em Corinto

8 – A solução do problema de confusão na igreja em Corinto

9 – Recapitulação e conclusão

VI – Conclusão

1 – O Ensino de Jesus sobre o Espírito Santo, exemplificado em fatos históricos

2 – Evolução da obra do Espírito Santo da esfera empírica para a racional

3 – A atuação ética do Espírito Santo na esfera das relações pessoais

4 – O fruto do Espírito Santo por excelência como sinal de maturidade na vida cristã.

VII – Apêndice

Esboço dos capítulos 12, 13 e 14 da 1ª Epístola aos Coríntios

INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos o presente estudo sobre o Espírito Santo, desejamos

pôr em evidência a necessidade e a importância deste assunto para o nosso trabalho evangelístico e pastoral. Precisamos conhecer o Espírito Santo e a sua obra, para podermos enfrentar as heresias e tendências heréticas que nos cercam, com referência ao assunto. O motivo principal, porém, por que devemos buscar maior conhecimento da obra e da pessoa do Espírito Santo, e a necessidade de alargarmos a nossa própria visão do Cristianismo e da tarefa de divulgá-lo no mundo atual.

Quando nos referimos a uma compreensão maior do Cristianismo, queremos dizer que precisamos ter uma apreciação maior da própria obra de Jesus Cristo neste mundo, obra esta aparentemente tão familiar e tão conhecida por nós que, na realidade, é muito maior do que pensamos; obra esta que precisamos levar avante sob a direção do Espírito Santo. Referimo-nos também à compreensão maior do Cristianismo como obra do Espírito Santo, a qual foi interpretada por Jesus e depois exemplificada na experiência dos seus apóstolos. Para podermos compreender qual é a atuação do Espírito Santo hoje em dia, precisamos estudar a sua atuação nos tempos apostólicos, ou no estabelecimento e na propagação do Cristianismo como religião histórica. É, principalmente, este último aspecto citado que nos deve interessar mais, pois é realmente neste que encontramos a orientação acertada para o cumprimento da nossa missão na solução dos problemas do mundo atual.

Ao focalizarmos esta necessidade de conhecermos mais de perto a obra e pessoa do Espírito Santo, devemos explicar ainda que, de modo algum, pretendemos abordar aqui todos os aspectos do assunto, tampouco pretendemos entrar nos pormenores dos que serão abordados. Desejamos, apenas, pôr em destaque a tarefa que se nos impõe como servos de Deus. O nosso trabalho evangelístico e pastoral exige que dirijamos toda a nossa atenção para a obra do Espírito Santo na propagação do Cristianismo. Também os problemas sociais e econômicos de hoje exigem que não somente o pregador do evangelho, mas também o educador, o sociólogo e outros interessados na solução desses problemas conheçam o método de o Espírito Santo atuar na vida dos homens. Desejamos, portanto, apenas abordar ligeiramente este assunto vasto que hoje em dia precisa ser estudado com muito carinho. Se não dermos ao mesmo a devida atenção, se não

nos dedicarmos ao estudo do Espírito Santo, ficaremos estagnados na nossa própria obra de pregadores do evangelho. Além disso, estaremos sujeitos a entrarmos em caminhos heréticos com referência à interpretação do Cristianismo e ao método pelo qual este deve ser propagado. Temos, portanto, hoje em dia, diante de nós, uma tarefa imperiosa e básica da qual depende o futuro da obra do evangelho que está entregue em nossas mãos.

Esta palavra introdutória sobre a importância do assunto em apreço pode parecer exagerada. Alguém poderá dizer que o Espírito Santo tem sido, e ainda continua sendo estudado quando cuidamos, por exemplo, em nossos seminários, da instrução doutrinária para os obreiros e quando doutrinamos nas igrejas os crentes em geral. O assunto, certamente, não é novo. O que queremos realçar aqui é, principalmente, o fato de que precisamos estudar a doutrina do Espírito Santo por um método mais adequado e não pelo que temos seguido até agora na teologia sistemática e mesmo na teologia bíblica, que vem dos nossos antepassados, no qual o conteúdo fica, de algum modo, subordinado ao sistema de sua interpretação. Geralmente, o que predomina no nosso pensamento, quando estudamos um assunto bíblico, é o sistema e não a verdade propriamente dita. Facilmente, por exemplo, damos mais atenção à forma homilética dos nossos sermões do que as ideias ou verdades que procuramos apresentar nesses mesmos sermões. Esta tendência de colocarmos no primeiro plano a forma ou o sistema tem impedido, em grande parte, o nosso desenvolvimento no conhecimento de assuntos, inclusive o do Espírito Santo. Não devemos esquecer o fato de que o Cristianismo não se implantou no mundo na forma de um sistema doutrinário. A sua mensagem, ou melhor, o Cristianismo propriamente dito, veio ao mundo e chegou até nós na forma de experiência histórica. É a experiência pessoal e histórica, o verdadeiro veículo da sua implantação e propagação no mundo.

Devemos acrescentar ainda que a experiência, como o veículo histórico da revelação de Deus aos homens, ficou completa em Jesus e nos seus apóstolos, como a encontramos relatada no Novo Testamento. Toda experiência posterior àquela que encontramos no Novo Testamento, e mesmo aquela que se verifica em nossos dias, por exemplo, só é válida para fins doutrinários ou para servir de exemplo

aos crentes, quando ela está em harmonia com a experiência que encontramos relatada nas Escrituras Sagradas. Não basta ao crente de hoje, por exemplo, ter uma experiência religiosa pessoal para esta servir-lhe de base no sentido de formar uma doutrina que seja válida para os outros. Para ter valor doutrinário, é imprescindível que a sua experiência pessoal esteja em harmonia ou que tenha autoridade ou apoio das Escrituras Sagradas. Sem este pré-requisito nenhuma experiência pessoal, por melhor que seja, pode ser válida para fins doutrinários ou no sentido de servir de padrão a outros crentes. Por esta razão é necessário que examinemos, à luz das Escrituras Sagradas, toda experiência que se nos apresente, e que verifiquemos se ela está em harmonia com o exemplo e ensino de Jesus Cristo e dos seus apóstolos. Devemos seguir o método dos bereanos que examinaram a pregação de Paulo à luz das Escrituras Sagradas.

A nossa necessidade de hoje é a de nos dedicarmos mais ao estudo da doutrina do Espírito Santo, não necessariamente em compêndios de teologia, mas sim, e principalmente, nas Escrituras Sagradas. Devemos estudar a atuação do Espírito Santo na história bíblica e na experiência objetiva dos homens. Uma experiência puramente subjetiva da atuação do Espírito Santo não constitui uma base suficiente para podermos conhecer ou interpretar o Espírito Santo em termos racionais ou objetivos. É só na história objetiva que encontramos a verdadeira revelação de Deus, de Jesus Cristo e também a do Espírito Santo. Um dos movimentos encorajadores hoje em dia no campo da teologia, ou da interpretação racional do Cristianismo, é que os seus fatos básicos agora já estão sendo estudados em suas perspectivas históricas e não apenas como doutrinas separadas da história. A doutrina, certamente, tem o seu lugar e valor. Esta, porém, para ser objetivamente válida, e realmente eficiente, não pode ficar separada da história. Antes, a doutrina deve basear-se na história, devendo esta ser a prova e a exemplificação da sua veracidade. Hoje em dia, por exemplo, a pessoa de Jesus Cristo está sendo estudada não só como fato histórico, mas também como o fator da própria história. Igualmente, também, o homem como personalidade só pode ser interpretado, devidamente, no seu contexto social ou histórico e não apenas como indivíduo em si, separado da história. Em última análise, a história está sendo reconhecida como a

verdadeira intérprete e também a própria interpretação da personalidade em qualquer campo de sua atuação. É nesta mesma perspectiva histórica, pois, que precisamos estudar a obra e pessoa do Espírito Santo. Ele se revelou na história. É na experiência histórica dos tempos apostólicos, pois, que devemos buscar a verdadeira revelação e interpretação da obra do Espírito Santo, também para os nossos dias e para todos os tempos.

A afirmação de que precisamos estudar a obra do Espírito Santo nos termos ou na perspectiva histórica do Cristianismo primitivo, porém, ainda não indicou o método que devemos seguir. Ainda estamos numa posição desvantajosa diante daqueles que procuram justificar as suas interpretações heréticas sobre o Espírito Santo, apelando para determinados fatos históricos que se encontram nas Escrituras Sagradas. Como justificar, por exemplo, a nossa posição na interpretação do Espírito Santo diante dos pentecostistas que defendem a sua doutrina referente às línguas estranhas e que procuram apelar para o próprio acontecimento de Pentecostes como base? Até o nome desta seita, aparentemente, é histórico ou bíblico. Em parte, a aparente força desta seita e o nosso frequente embaraço diante da sua onda está em nós não sabermos fazer o devido uso da história bíblica como base na interpretação do Espírito Santo.

Para encontrarmos na história do Cristianismo primitivo a interpretação da obra do Espírito Santo, precisamos ter uma noção clara de como devemos nos orientar em face dos fatos históricos narrados nos Atos dos Apóstolos. Não é fácil nos orientarmos na base de fatos históricos. Isto depende de conhecermos a sua natureza. Os fatos históricos não podem ser repetidos assim como o podem ser os fatos das ciências físicas. Também não podem ser imitados. Infeliz seria a pessoa que entendesse ser necessário seguir literalmente o exemplo ou as experiências da vida dos apóstolos ou mesmo as da vida de Jesus Cristo. Para se orientar na base da história é preciso interpreta-la cientificamente ou racionalmente, mostrando as causas, métodos e finalidades do que registra. O caminho da história que precisamos aprender e seguir é escuro diante de nós e cheio de surpresas a cada passo. Como vamos, então, nos orientar à luz da história quando esta apenas ilumina o passado e não mostra o futuro diante de nós?

Portanto, antes de podermos encontrar na história dos Atos dos Apóstolos uma orientação de como devemos interpretar a obra do Espírito Santo precisamos ter primeiro uma chave que nos habilite a abrir o significado dos fatos desta mesma história. Antes de podermos encontrar o valor dela, que ela tem para nós, precisamos fazer uma separação nela, entre a sua mensagem propriamente dita e os seus aspectos externos e visíveis, que serviram apenas de veículos para que esta mensagem se tornasse um fato histórico e chegasse até nós. Em outras palavras, precisamos fazer uma separação na história entre as coisas que são de valor permanente e aquelas que são de valor transitório e só tiveram um significado imediato. Só quando sabemos fazer esta separação é que podemos encontrar na história a verdadeira interpretação de qualquer assunto relativo ao Cristianismo, inclusive o do Espírito Santo. Esta chave que nos abre o significado da história é Jesus Cristo, a sua pessoa e o seu ensino. A interpretação das experiências que os apóstolos tiveram com o Espírito Santo, conforme as encontramos relatadas no livro dos Atos dos Apóstolos, só se torna possível quando conhecemos os ensinamentos de Jesus a respeito do Espírito Santo, registrados nos evangelhos. O único caminho para chegarmos ao conhecimento da obra e da pessoa do Espírito Santo é mediante o exame do ensino de Jesus sobre o assunto. Este será, portanto, o nosso primeiro tópico a ser abordado nesta série de estudos. O segundo será a vinda histórica do Espírito Santo no dia de Pentecostes. O terceiro será o Espírito Santo na experiência subjetiva dos apóstolos. O quarto e último será o Espírito Santo no estabelecimento e na propagação do Cristianismo histórico.

1

A PROMESSA E O ENSINO DE JESUS REFERENTES AO ESPÍRITO SANTO

1 - Jesus como intérprete e interpretação da obra do Espírito Santo

A obra e a pessoa do Espírito Santo não são de fácil interpretação. Esta dificuldade está na própria natureza da sua pessoa e obra. O Espírito Santo, como disse Jesus, *não fala de si mesmo*. Quando ele fala, apresenta a Cristo e fica, por assim dizer, por trás de Cristo e oculto de nós. O Espírito Santo nunca se manifestou aos homens em forma visível, ou em uma experiência em que eles pudessem tê-lo como objeto de uma interpretação racional. Antes da vinda de Cristo ao mundo, o Espírito Santo certamente atuava na experiência dos homens; atuava principalmente na sua experiência subjetiva. Tanto antes como depois do ministério terreno de Jesus Cristo, porém, a atuação do Espírito Santo nos homens nunca ofereceu a eles uma chave ou base histórica para que o pudessem interpretar racionalmente. Ele nunca tinha sido apresentado nem interpretado aos homens. Das três pessoas divinas, a menos conhecida por nós, em termos objetivos, é o Espírito Santo, embora não tenhamos dúvida da sua realidade. Esta é evidente em nossa experiência cristã. Além disso, o Espírito Santo ou a sua obra em nós como crentes e nos homens em geral, constitui o segredo da racionalidade da nossa experiência como um todo. O Espírito Santo atua junto ao nosso espírito e tão de perto de nós que se torna difícil objetivá-lo. As suas relações pessoais conosco transcendem o alcance do nosso raciocínio, que depende de experiências objetivas. A obra e a pessoa do Espírito Santo, porém, foram-nos reveladas e interpretadas em termos objetivos ou históricos na pessoa de Jesus Cristo e no seu ensino.

O único caminho que nos leva a um conhecimento racional do Espírito Santo é Jesus Cristo. Jesus veio ao mundo mediante a obra do Espírito Santo e é mediante o ministério terreno de Jesus que podemos chegar a um conhecimento objetivo do Espírito Santo. Assim como o Espírito testifica de Jesus, do mesmo modo também Jesus no seu ministério testificou do Espírito. Ninguém vem ao Pai, senão por mim, disse Jesus. Igualmente, também, ninguém vem a um conhecimento objetivo do Espírito Santo e da sua obra nos homens, senão por Jesus. Jesus é o caminho, a verdade e a vida também em referência ao Espírito Santo.

Este fato de ser Jesus o caminho que nos leva ao Espírito Santo já foi declarado por João Batista. João anunciou e interpretou a vinda

do Messias e a sua missão no mundo nos seguintes termos: "...*mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu (...) ele vos batizará no Espírito Santo, e em fogo*" (Mt 3.11). Depois de João Batista ter recebido a revelação de que Jesus é o Filho de Deus, ele, João, apresentou-o ao mundo não só como o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Apresentou-o também a missão ideal de Jesus completa, dizendo: "*Este é o que batiza no Espírito Santo.*" Na palavra de João Batista, pois, a obra redentiva de Jesus Cristo culmina em batizar crentes no Espírito Santo. Esta interpretação da obra de Jesus, que João estava divulgando, ele a tinha recebido do próprio Deus quando foi chamado para pregar o batismo de arrependimento e preparar o povo para a vinda de Jesus. Do ponto de vista de Deus, conforme a declaração de João Batista, a finalidade da obra de Jesus neste mundo resume-se nisto: batizar os homens no Espírito Santo. Este é o alvo da sua obra redentora.

Devemos notar ainda que antes de Jesus interpretar, objetiva ou formalmente, a pessoa do Espírito Santo e a sua obra, o próprio ministério de Jesus já é em si esta interpretação prática. O ministério de Jesus foi levado a efeito sob a atuação do Espírito Santo. Para compreendermos, então, o que é a obra do Espírito Santo nos homens, precisamos observar o que era esta obra na pessoa e no ministério de Jesus. A revelação, que temos em Jesus, sobre o Espírito Santo foi-nos dada primeiramente em termos de vida e não de doutrina. A mesma ordem encontramos também na sua revelação de Deus, o Pai. O exemplo de Jesus precedeu a sua doutrina.

A vinda histórica ou formal do Espírito Santo sobre Jesus verificou-se no seu batismo. Nessa ocasião, foi revelado a João Batista ser Jesus o Filho de Deus. Depois do batismo, em virtude de estar sob a atuação do Espírito Santo, Jesus foi levado ao deserto para ser tentado pelo diabo. Mais tarde, então, no seu ministério, Jesus declarou formal e publicamente que o Espírito do Senhor estava sobre ele para o cumprimento da sua missão entre os homens (Lc 4.18,19). Assim, a vida e a obra de Jesus neste mundo foram levadas a efeito mediante a direção e o poder do Espírito Santo. Em Jesus temos, portanto, o exemplo prático, objetivo e perfeito do que é a obra do Espírito Santo na experiência dos homens. Como o Filho de Deus, e

também como o Filho do Homem, Jesus interpretou em si a atuação do Espírito Santo na vida dos homens como filhos de Deus.

2 - A obra do Espírito Santo definida por Jesus.

Depois destas considerações preliminares, desejamos focalizar agora, em resumo, o ensino objetivo ou formal de Jesus sobre o Espírito Santo, ensino este que constitui a única chave que temos para podermos compreender a obra do Espírito Santo na experiência dos apóstolos e no estabelecimento do Cristianismo como religião histórica. Não devemos, porém, ficar surpreendidos ao verificarmos que Jesus, em todo o seu ministério, poucas vezes falou sobre o Espírito Santo. Também, na maioria destas vezes, apenas o mencionou casualmente e sem dar nenhuma interpretação. Não vamos enumerar aqui estes casos onde o Espírito Santo foi apenas mencionado por Jesus de passagem. Jesus nada ensinou, de modo direto e doutrinário, sobre o Espírito Santo no decorrer do seu ministério. Os seus discípulos não estavam ainda em condições de receber qualquer ensinamento a respeito. Por isso disse-lhes Jesus no seu discurso de despedida: *"Convém-vos que eu vá. Pois se eu não for, não virá a vós o Paraclito."* (Jo 16.7).

Foi só no seu discurso de despedida, na noite em que foi traído, que Jesus falou aos seus discípulos, de modo formal ou direto, sobre o Espírito Santo, como continuador da sua obra. É neste discurso, pois, que temos praticamente tudo o que há nos ensinamentos de Jesus sobre o Espírito Santo. O que ele disse ali constitui, então, a única chave para podermos compreender a obra do Espírito Santo no Pentecostes e na história do Cristianismo daí em diante. Vamos mencionar aqui, apenas em resumo, os ensinamentos que Jesus deu nesta ocasião sobre o Espírito Santo. Ele prometeu o Espírito Santo aos discípulos como "outro Paraclito", termo este que tem sido interpretado como "consolador e defensor", significados estes perfeitamente aceitáveis. É nossa impressão, todavia, que Jesus, empregando o termo "Paráclito" com referência ao Espírito Santo, estava realmente pensando dele como um "companheiro". Jesus tinha convivido com os discípulos; tinha sido o seu companheiro e, naquela noite, estava se despedindo deles. Embora não tivessem ainda compreendido a Jesus, os discípulos agora creram nele como tendo vindo de Deus, pois disseram: *"Agora*

conhecemos que sabes todas as coisas (...). Por isso cremos que saíste de Deus" (Jo 16.30). Agora na sua despedida, que era inevitável e estava para se verificar dentro de poucos momentos, Jesus prometeu-lhes um outro "Companheiro" também a ser enviado por Deus e isto em nome do próprio Jesus, Companheiro este que será permanente e que o mundo não poderá tirar deles. Jesus explicou então que o Espírito Santo fará lembrar aos discípulos todas as coisas que ele, o Mestre, lhes tinha dito. Ele é o Espírito da verdade, disse Jesus, e nesta qualidade ele será o guia dos discípulos em toda verdade. Ele atuará na esfera da inteligência ou do raciocínio dos discípulos, terreno no qual Jesus praticamente nada pede e nem esperava fazer. O apelo que havia feito, e fez ainda na última hora, era este: "*Crede em mim*" (Jo 14.1). Jesus veio para ser crido por eles. O Espírito Santo foi prometido para ser o seu guia na compreensão racional da verdade. A verdade que veio em Jesus era para ser crida. A vinda do Espírito Santo foi prometida aos discípulos para guia-los na compreensão racional desta mesma verdade. Mediante a atuação do Espírito Santo, a fé em Cristo torna-se também compreensível ao raciocínio. O Espírito Santo, declarou Jesus, não fala de si mesmo, mas sim de Cristo, interpretando-o aos que creem nele, obra esta que Jesus não pôde levar a efeito nos discípulos por não terem tido até então bases históricas completas na sua experiência com ele. Quando vier o Espírito Santo, disse Jesus, ele irá glorificar nos discípulos o Jesus como Cristo, habilitando-os a glorifica-lo também, glorificação esta que dependia de uma compreensão racional. A vinda e a atuação do Espírito Santo nos discípulos foram prometidas para que interpretassem Cristo neles. No seu ensino direto sobre o Espírito Santo, Jesus explicou também qual será a atuação do Espírito Santo no mundo, ou junto àqueles que não creram nele. Disse que o Espírito Santo convencerá o mundo do pecado de não crer em Jesus; da justiça e do juízo (Jo 16.8-11). De acordo com este ensinamento de Jesus, o Espírito Santo foi prometido para atuar no terreno do raciocínio dos homens e não no terreno da fé. O Espírito Santo não salva o pecador; quem salva é Cristo. Convencer o mundo, ou leva-lo ao reconhecimento intelectual do pecado, ou ao discernimento entre o bem e o mal, não quer dizer, necessariamente, trazê-lo à salvação. A salvação não vem pelo esclarecimento ou cultivo da mente; mas vem

pela fé em Jesus Cristo. Pela sua atuação na mente dos homens, o Espírito Santo forçosamente traz esses homens ao reconhecimento racional da realidade do pecado, da justiça de Cristo e do juízo na derrota final do pecado. No terreno da fé o homem é livre, mas ele não é livre no terreno do seu raciocínio; ele não pode fugir da verdade dos fatos e do imperativo e das consequências lógicas.

Foi nestes termos, então, que Jesus explicou a missão do Espírito Santo nas duas esferas de sua atividade - nos discípulos e nos não crentes. Foi para estas finalidades que o Espírito Santo foi prometido e para estas ele veio ao mundo enviado por Deus e em nome de Cristo. De acordo com o ensino de Jesus, repetimos, o Espírito Santo atua sobre a inteligência do homem e não sobre a sua vontade. A vontade do homem continua livre ou entregue a si mesma. O homem é livre para crer em Jesus ou para não crer nele; não é livre, porém, para não reconhecer através do seu raciocínio que é o pecado, a justiça e o juízo. Além destes ensinamentos diretos e objetivos sobre o Espírito Santo, dados no seu discurso de despedida, como os encontramos registrados no Evangelho de João, capítulos 14-16. Jesus falou ainda duas vezes sobre o Espírito Santo depois de sua ressurreição, resumindo, realmente, o que havia dito no seu discurso de despedida. Depois da sua ressurreição, Jesus pôs em evidência a missão dos discípulos neste mundo como suas testemunhas que iriam ser e falou também do poder que receberiam para o cumprimento desta missão. Este poder veio como resultado da compreensão da experiência que tinham tido com Jesus, compreensão esta que receberam no Pentecostes quando o Espírito Santo veio e atuou neles.

2

A VINDA HISTÓRICA DO ESPÍRITO SANTO

1 - O cumprimento histórico do ensino de Jesus no Pentecostes

Neste tópico, devemos notar logo de início o significado do termo "histórico", ou a diferença que houve entre o acontecimento do Pentecostes e a atuação anterior do Espírito Santo mencionada nas Escrituras Sagradas. Antes do Pentecostes, o Espírito Santo já havia operado no tempo do Antigo Testamento e do Novo. Citemos alguns exemplos: No Antigo Testamento, o Espírito do Senhor veio e atuou nos profetas. No Novo Testamento, notamos, por exemplo, que o anjo disse a Maria, mãe de Jesus, *"Virá sobre ti a Espírito Santo"* (Lc 1.35). O Espírito Santo havia também revelado a Simeão que esperasse pela vinda do Cristo do Senhor (Lc 2.36). O Espírito Santo veio também sobre Jesus na ocasião do seu batismo. Estes casos ou esta atuação, porém, eram particulares ou pessoais. Não constituíram marcos na história objetiva senão indiretamente. Também as referências de Jesus Cristo ressurreto ao Espírito Santo, durante os quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão, que é um período de transição, não constituíram marcos na história.

No Pentecostes, porém, temos a vinda do Espírito Santo, que não foi apenas um caso particular, mas coletivo. Foi um marco, o início de uma nova época na história da humanidade; foi o começo do Cristianismo como religião histórica. Além disto, foi o começo de uma nova época na história da própria vida mental do homem. A vinda do Espírito Santo no Pentecostes foi uma finalidade em si. Nessa ocasião, o Espírito Santo não veio sobre os discípulos de Jesus apenas como indivíduos, como tinha sido a sua vinda nos casos anteriores, mas veio sobre eles como uma coletividade, visando também todos os homens ou o mundo para convencê-lo do pecado, da justiça e do juízo, como dissera Jesus (Jo 16.8). O Pentecostes foi um acontecimento histórico e ao mesmo tempo universal em seu alcance e finalidade. Depois desta palavra introdutória sobre a vinda histórica do Espírito Santo, desejamos examinar mais de perto o acontecimento que se verificou no Pentecostes, bem como as suas consequências relativas, principalmente à formação do Cristianismo como religião histórica.

Como já dissemos no tópico anterior, no acontecimento de Pentecostes temos a base objetiva para a interpretação da obra do Espírito Santo como fator no estabelecimento da experiência cristã e do Cristianismo como religião histórica, bem como para a

interpretação da sua atuação na vida humana em geral. No Pentecostes cumpriu-se o que João Batista havia dito sobre o Messias quando declarou: *"Este é o que batiza no Espírito Santo"*. Ali temos também o cumprimento da palavra formal de Jesus por ocasião de sua despedida dos discípulos, na noite em que foi traído, bem como a palavra do próprio Cristo ressurreto, no dia da ascensão, quando disse: *"Mas vos sereis batizados no Espírito Santo, dentro de poucos dias"* (At 1.5). No Pentecostes temos ainda o cumprimento da profecia do Senhor no Antigo Testamento através de Joel, que disse: *"Derramarei o meu Espírito sobre toda a carne"* (Jl 2.28). Dai a importância suprema do acontecimento desse dia.

No presente tópico, vamos examinar apenas o aspecto visível ou histórico da vinda do Espírito Santo, ou o batismo dos discípulos de Jesus Cristo nele, não considerando no momento o seu aspecto subjetivo ou espiritual propriamente dito, que será estudado mais adiante. Chamamos a atenção aqui para o fato de que, no dia de Pentecostes, verificaram-se duas categorias de experiências. Primeiramente, temos ali os aspectos externos que não tinham sido preditos ou prometidos por Jesus quando anunciou a vinda do Espírito Santo e interpretou a sua obra. Foram estes os aspectos que surpreenderam o público em geral. Houve também no Pentecostes outros aspectos que tinham sido anunciados por Jesus quando ele explicou aos discípulos a obra do Espírito Santo. Chamamos a atenção para esta distinção ou para estes dois aspectos da vinda do Espírito Santo. Agora vamos examinar os aspectos que eram essencialmente de caráter objetivo ou histórico.

2 - O significado dos aspectos sensíveis da vinda do Espírito Santo

No livro de Atos, capítulo 2, lemos que a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos no Pentecostes foi precedida por vários fenômenos físicos ou sensíveis. Vemos também que a vinda propriamente dita foi seguida por outros fenômenos igualmente de natureza sensível. Antes da vinda propriamente dita do Espírito Santo, diz a narrativa: *"De repente veio do céu um ruído, como de um vento impetuoso (...) e lhes apareceram umas como línguas de fogo, que se distribuíam, e*

sobre cada um deles pousou uma" (At 2.2,3). Depois disto, então, *"todos ficaram cheios do Espírito Santo"* (v.4). Estando então cheios do Espírito Santo, os apóstolos *"começaram a falar noutras línguas conforme o Espírito lhes concedia que falassem"* (At 2.4). Estes fenômenos sobrenaturais, dos quais uns apelaram apenas para os sentidos físicos e outros apelaram também para a curiosidade mental, não tinham sido preditos por Jesus quando prometeu aos discípulos a vinda do Espírito Santo nem tinham sido mencionados por João Batista. Qual será, então, o significado ou quais são as finalidades desses fenômenos visíveis ou sensíveis? E a própria Escritura Sagrada, ou o contexto, que nos dá a resposta.

Na história da revelação de Deus aos homens, encontramos também outros casos em que, no cumprimento de profecias, houve esta mesma dualidade de aspectos, uns preditos e outros não. Quando a revelação, ou a atuação divina na vida humana, constituiu um marco na história, e tornou-se um fator nela, esta mesma revelação, geralmente, no seu cumprimento, veio acompanhada de sinais visíveis. Citemos alguns casos. Houve, por exemplo, fenômenos sobrenaturais quando foi anunciado a Maria e a José o nascimento de Jesus; houve também outros fenômenos visíveis quando estes anúncios se cumpriram, como seja o aparecimento de anjos e do coro celestial. No entanto, nenhum destes aspectos sensíveis foi mencionado nas profecias do Antigo Testamento, referentes à vinda do Messias. Notamos também a mesma particularidade com relação à morte e ressurreição de Jesus. Nas profecias do Antigo Testamento, e mesmo nos ensinamentos de Jesus a respeito desses fatos, não aparece nenhuma menção aos fenômenos físicos que se verificaram no seu cumprimento histórico. Assim, poderíamos mencionar mais outros casos na experiência humana onde a atuação divina foi caracterizada por acontecimentos físicos e sobrenaturais. O que aconteceu no Pentecostes, ou na vinda histórica do Espírito Santo, estava, portanto, em harmonia com os acontecimentos sobrenaturais relacionados com a história da revelação. Estes aspectos físicos na atuação de Deus na história não devem ser ignorados nem menosprezados. São provas externas da atuação divina e histórica na experiência humana. Além disso, estes mesmos fatos objetivos e coletivos constituem a base objetiva para a interpretação racional da experiência espiritual propriamente dita com

que estavam relacionados. A finalidade desses aspectos visíveis era fortalecer a fé naqueles que já a possuíam, tornando possível a sua interpretação racional. É preciso esclarecer também que esses milagres ou sinais visíveis, quando vieram, não criaram a fé naqueles que não a tinham tido antes. No próprio dia de Pentecostes, por exemplo, diante do fenômeno das línguas, alguns começaram a zombar dizendo, "*estão cheios de mosto*" (At 2.13).

Para ênfase, desejamos repetir: os sinais visíveis, que acompanharam a vinda histórica do Espírito Santo, não tinham sido preditos por Jesus. Na história da revelação, as profecias geralmente não trazem nenhum anúncio das modalidades externas do seu próprio cumprimento. Estas modalidades sensíveis que as acompanharam realmente não fazem parte integrante da revelação propriamente dita; não são finalidades em si. Não tiveram nenhum valor intrínseco ou permanente. Eram apenas fatos transitórios cujos aspectos visíveis eram determinados pelas circunstâncias do meio ou do momento. Os aspectos externos ou sensíveis de uma experiência espiritual e histórica não se repetem. Na história, nada se repete daquilo que é somente histórico, externo ou sensível.

A nossa tendência humana é repetir, imitar, comemorar e guardar as coisas externas de acontecimentos históricos que se tornaram fatores permanentes na nossa vida. Isto não é necessariamente um mal, mas pode se tornar um mal quando os aspectos históricos de uma experiência são considerados como finalidades em si. Quando isto acontece, é prova da falta de compreensão da verdadeira natureza das nossas experiências históricas. Tal tendência, porém, nunca se manifestou nos apóstolos com referência às experiências sensíveis, que tinham tido no dia de Pentecostes. Há pessoas hoje em dia, como tem havido também em outros tempos, que tem manifestado maior interesse nas experiências sensíveis ou sobrenaturais, que houve no Pentecostes, do que foi o interesse manifestado pelos próprios apóstolos nessas experiências pelas quais tinham passado. Eles nunca as mencionaram depois. O motivo disto é que os apóstolos entenderam o significado dos acontecimentos, ao passo que os que hoje se interessam pelas coisas sensíveis ainda não as compreenderam. Não encontramos, por exemplo, na história do Cristianismo posterior ao Pentecostes, relatada no livro de Atos, nenhuma menção que os

apóstolos fizessem dos sinais visíveis, que apareceram quando o Espírito Santo veio sobre eles. Talvez alguém diga que depois de Pentecostes houve várias ocasiões quando a atuação do Espírito Santo foi acompanhada de sinais visíveis, semelhantes aos que houve no Pentecostes. Estes casos serão examinados mais adiante. Nesta altura, basta afirmar apenas que estes sinais sensíveis não foram repetições do que tinha acontecido no Pentecostes. Antes tiveram suas próprias finalidades e modalidades diferentes, determinadas por circunstâncias também diferentes.

Para compreendermos os aspectos sensíveis da vinda do Espírito Santo no Pentecostes, não basta simplesmente afirmar que os mesmos não tiveram nenhum valor intrínseco ou permanente, mas sim momentâneo ou histórico. Isto não explica ainda a razão do seu aparecimento. É preciso notar agora qual foi esta finalidade momentânea, que motivou o seu aparecimento. Esta finalidade tem sido de algum modo ignorada ou negligenciada por alguns e às vezes exagerada e mal interpretada por outros. Na atuação de Deus na vida dos homens, todos os aspectos visíveis, relatados nas Escrituras Sagradas, por menores que nos pareçam, têm a sua razão de ser. Cada aspecto visível, porém, precisa ser interpretado no seu próprio lugar, ou no contexto das suas circunstâncias históricas. Esta interpretação, porém, é uma tarefa do nosso raciocínio e não vem como resultado espontâneo da nossa fé. Certamente, pela fé nós aceitamos a veracidade dos fatos narrados nas Escrituras Sagradas, mas, para a interpretação destes mesmos fatos, nós dependemos do estudo e uso do raciocínio. Qual foi, então, a finalidade dos sinais visíveis ou físicos que houve no dia de Pentecostes? Devemos notar primeiro que os sinais físicos não eram a obra do Espírito Santo; não fizeram parte da sua missão propriamente dita. Os sinais, como milagres ou fenômenos sobrenaturais que se verificaram na esfera física, eram a obra de Deus; eram da atribuição de Deus, Pai, do mesmo modo como se verificara, também, com os sinais do ministério de Jesus, que, em última análise, eram obras de Deus, ou determinadas por ele (Jo 14.10). No Pentecostes, os sinais visíveis e a atuação do Espírito Santo, propriamente dita, eram duas coisas distintas. Esta diferença pode ser comparada à diferença que há entre um edifício em construção e o andaime empregado nesta mesma construção. Cada um

tem o seu próprio significado e diferente do outro.

Na narrativa da vinda histórica do Espírito Santo no Pentecostes, vê-se claramente qual foi a finalidade dos sinais visíveis que ali apareceram - o ruído, as línguas como de fogo e os apóstolos, depois da vinda do Espírito Santo, falarem em outras línguas. Estes fenômenos sobrenaturais tiveram por finalidade atrair a atenção do público em geral para aquilo que estava acontecendo no momento. Como consequência desses sinais, lemos que *“ajuntou-se ali uma multidão; e estava confusa (...) dizendo uns aos outros: Que quer dizer isto?”* (At 2.6,12). Notemos que a vinda do Espírito Santo no Pentecostes não foi uma experiência particular, mas coletiva e de significado universal. Era necessário, pois, que a coletividade toda, ou o público em geral, fosse despertado e tomasse conhecimento do que estava acontecendo. Os fenômenos sobrenaturais, que vieram primeiro, apelaram para os sentidos físicos e chamaram a atenção do povo em geral. O fato de os apóstolos falarem depois em outras línguas era um fenômeno sobrenatural, que pertencia ou visava à esfera mental. Este teve por finalidade despertar a curiosidade e impressionar as pessoas ali reunidas, vindas de muitas partes do mundo, que foram levadas a perguntar: *“Não são galileus todos esses que estão falando?”* (At 2.7). O fenômeno das línguas não só atraiu a curiosidade e a atenção do povo como também preparou a sua mente para ouvir a pregação do apóstolo Pedro, ou a sua interpretação do que estava acontecendo no momento. A vinda do Espírito Santo no Pentecostes foi um acontecimento público e universal; foi o começo do Cristianismo histórico e também o marco de uma nova época na história da mente humana, ou da sua habilitação para interpretar a experiência toda em termos racionais. Os seus aspectos visíveis foram operados por Deus, Pai, como testemunho objetivo do que estava acontecendo para constituir base para uma interpretação racional da obra do Espírito Santo. Estas coisas vieram e foram escritas para que nós, e todos os que creem, tivéssemos certeza racional ou objetiva de que Deus estava atuando ali e de que a humanidade toda foi colocada então sob a atuação do Espírito Santo com referência à sua relação para com a obra e pessoa de Jesus Cristo.

3 - O Espírito Santo na experiência subjetiva dos apóstolos

Depois de estudarmos os aspectos físicos do acontecimento do Pentecostes, perguntamos: Que foi, em si próprio, o acontecimento que se verificou nesse dia? Que aconteceu realmente na experiência dos apóstolos? (Quanto à experiência das demais pessoas que naquele dia se tornaram cristãs, é assunto que será estudado mais adiante.)

No Pentecostes cumpriu-se o que, na linguagem de João Batista e de Jesus, tinha sido anunciado como *"batismo no Espírito Santo"*. Foi isto o que aconteceu ali. Os apóstolos foram batizados no Espírito Santo. O significado do que aconteceu, porém, não estava nos aspectos visíveis da sua experiência. Estes apenas chamaram a atenção do público para o que estava acontecendo no momento. Os sinais em si não tiveram outro valor. Apenas despertaram a atenção para a obra de Deus que estava se realizando ali.

Voltemos à pergunta: Em que se constitui o significado essencial do Pentecostes? Que aconteceu, de fato, com os próprios apóstolos, além das experiências visíveis que despertaram a curiosidade do público? Já dissemos que os apóstolos foram batizados no Espírito Santo. Mas que significava isto para eles? Será que eles mesmos no momento compreenderam sua experiência? Para respondermos a esta pergunta, ao invés de apresentarmos uma afirmação imediata, dogmática e didática, que talvez seria o método mais fácil, preferimos fazer uma pesquisa mais longa que julgamos mais proveitosa. Vamos examinar a própria Escritura Sagrada para descobrirmos nela o significado do que ela mesma chama de *"batismo no Espírito Santo"*. Para este fim, vamos começar voltando para examinar primeiro, embora ligeiramente, o que foi que João Batista entendeu pelo batismo no Espírito Santo, quando o anunciou como a obra do Messias que havia de vir. Em segundo lugar, vamos examinar o que foi que Jesus Cristo deu a entender aos discípulos, no dia da sua ascensão, quando disse que eles seriam batizados no Espírito Santo. Em terceiro lugar, vamos examinar a interpretação dada pelo apóstolo Pedro na sua pregação no dia de Pentecostes. Vamos examinar aqui apenas as coisas principais e em resumo.

Para chegarmos a uma conclusão adequada do significado do batismo no Espírito Santo, o único caminho é examinarmos nas Escrituras a origem e a história desta ideia, ou como foi ela anunciada pela primeira vez e como se cumpriu na experiência objetiva dos

apóstolos e também depois dos outros cristãos primitivos. Estes não somente anunciaram o fato que estava para acontecer, mas também o interpretaram. Para compreendermos o batismo no Espírito Santo, ou qualquer outra experiência histórica do Cristianismo, devemos começar exatamente onde a ideia teve a sua origem e, depois, acompanhar o seu desenvolvimento e cumprimento na experiência histórica. Num estudo histórico desta natureza, são de grande valor o sentido inicial ou as primeiras interpretações dadas à ideia pelas pessoas diretamente relacionadas com ela. O exame da evolução histórica da ideia, repitamos, é o único caminho para chegarmos a uma compreensão adequada do batismo no Espírito Santo propriamente dito, bem como das interpretações dadas ao mesmo posteriormente na história do Cristianismo. É com esta orientação, pois, que vamos agora examinar as Escrituras Sagradas para nelas descobrirmos o que significa o batismo no Espírito Santo.

A ideia do batismo no Espírito Santo, expressa nestes termos, foi mencionada pela primeira vez por João Batista, quando anunciou a vinda e obra do Messias. Ele o fez por uma revelação divina (Jo 1.33). Quando João foi enviado por Deus para pregar o arrependimento e a batizar os homens em água, foi-lhe revelado também como ele havia de identificar o Messias, e qual seria a sua obra. A sua obra foi descrita nos seguintes termos: *"Esse é o que batiza no Espírito Santo"*. Por isso João dizia depois na sua pregação: *"Aquele que há de vir depois de mim, ele vos batizará no Espírito Santo"* (Mt 3.11). Foi nestes termos, então, que João Batista, por revelação divina, não somente anunciou, mas também interpretou a obra do Messias, antes que este se apresentasse ao mundo.

Perguntamos agora: Que foi que o próprio João Batista entendeu pelo batismo no Espírito Santo que ele anunciava por revelação divina? De modo algum poderia ele deixar de ter uma noção clara, tampouco poderia ele deixar de explicar isto aos seus ouvintes. Sendo João Batista o primeiro a falar nestes termos sobre o assunto, a sua interpretação é de suma importância para nós. Perguntamos ainda: Como foi que o próprio João Batista explicou aos seus ouvintes a obra do Messias por ele anunciada nos termos de *"batismo no Espírito Santo"*, como a obra do Messias, estava relacionada com a ideia da vinda de uma nova ordem de coisas neste mundo, ou a vinda

do reino de Deus que estava próximo, ordem esta em que, por exemplo, não bastaria mais para o judeu ser filho de Abraão apenas segundo a carne; ordem esta ainda em que cada pessoa, como indivíduo, precisaria arrepender-se dos seus pecados e dar bons frutos na sua vida social e econômica. Do contrário seria semelhante à árvore que não dá bom fruto e que é cortada e lançada no fogo. Em outras palavras, João Batista anunciava que o Messias iria estabelecer uma nova ordem espiritual e social de tal natureza que nela se processaria uma separação entre os homens, sendo uns batizados no Espírito Santo e outros no fogo. O Messias procederá - disse João - à semelhança do lavrador que separa o trigo da palha e depois recolhe um no celeiro e lança o outro no fogo. Era nestes termos, e com estas ilustrações, que João anunciava e ao mesmo tempo interpretava a obra do Messias que haveria de vir. Ele irá separar os homens, moral e socialmente, e os colocará em esferas diferentes.

Embora João Batista tivesse anunciado o batismo no Espírito Santo a ser levado a efeito pelo Messias, este batismo, no entanto, não se verificou durante o ministério de Jesus. Durante o tempo todo de suas atividades, quanto saibamos e conforme já o mencionamos num tópico anterior, Jesus, no seu ministério, nunca se referiu ao batismo no Espírito Santo. Aliás, muito poucas vezes falou sobre o Espírito Santo. Foi só na última noite que Jesus passou com os seus discípulos, que falou amplamente sobre o Espírito Santo. Mesmo assim não empregou o termo "batismo". Foi só depois da sua morte e ressurreição, no dia da ascensão, ou na sua despedida, que Jesus disse aos seus discípulos, e isso pela primeira vez, que eles seriam batizados no Espírito Santo. Disse ele: "Porque, na verdade, João batizou em água, mas vos sereis batizados no Espírito Santo, dentro de poucos dias" (At 1.5). Até este dia, para Jesus Cristo, a palavra de João Batista ainda não tinha sido cumprida. O cumprimento viria dentro de poucos dias, disse ele, e para este fim ordenou que os discípulos esperassem em Jerusalém (Lc 24.49). O batismo no Espírito Santo não pode cumprir-se durante a presença visível de Jesus, isto é, antes de ele ter sido glorificado (Jo 7.39). Por isso declarou Jesus aos seus discípulos na noite em que foi traído, dizendo: "*(...) convém-vos que eu vá; pois se eu não for, o Ajudador não virá a vos*" (Jo 16.7). Esta ordem, no curso dos acontecimentos,

não foi arbitrária. Por motivos éticos, o batismo no Espírito Santo, como obra de Jesus Cristo, não pode verificar-se como fato histórico, antes de Jesus ter completado o seu ministério terreno ou a obra da redenção. Por essa razão, também, Jesus nunca falou antes aos discípulos que eles seriam batizados no Espírito Santo. Ele não o fez, pois ainda não havia chegado o tempo.

Que foi, então, que o Cristo ressurreto deu a entender aos seus discípulos quando, momentos antes da sua ascensão, falou-lhes da "promessa do Pai" e do batismo no Espírito Santo? Segundo a declaração do próprio Cristo, significaria para os discípulos o revestimento de poder para eles serem suas testemunhas (At 1.8). Era este o efeito prático do seu batismo no Espírito Santo. Precisamos notar aqui, embora de passagem, que no dia da ascensão, quando Cristo falou do batismo no Espírito Santo, ele não mencionou, na ocasião, nenhum batismo no "fogo" como João Batista havia feito. Cristo não o mencionou, pois ali estavam presentes só os discípulos que creram nele. Aos que não creram, Cristo nunca apareceu depois da sua ressurreição. Espiritual e socialmente falando, os discípulos já estavam separados do mundo, conforme dissera Jesus ao Pai na sua oração, antes de entrar no Getsêmane (Jo 17.14). No momento da ascensão, não estava presente ninguém que se destinasse à condenação, ou ao *"batismo no fogo"*. Pelo contrário, os discípulos ali presentes tinham sido preparados por Jesus para serem entregues ao cuidado completo do Espírito Santo, continuador da sua obra, obra esta que agora seria interpretada aos discípulos e orientada pelo Espírito Santo. Por isso, Cristo anunciou que o Espírito virá e habitará nos discípulos como seu companheiro permanente e guia em toda a verdade. Esta presença e atuação constante do Espírito Santo nos discípulos habilitando-os para a sua missão significava, em uma palavra, que eles seriam batizados no Espírito Santo, que estariam entregues ao seu cuidado completo.

O anúncio de João Batista, referente a obra do Messias, e a realização deste mesmo anúncio, feito pelo próprio Cristo, cumpriu-se no dia de Pentecostes. Neste dia, o Espírito Santo veio sobre os apóstolos e estes, moral e espiritualmente, ficaram habilitados para serem e atuarem como testemunhas da ressurreição de Jesus o Nazareno e do fato de ele ter sido o Senhor e Cristo (At 2.22e36). Pela

atuação do Espírito Santo, os discípulos receberam a compreensão e coragem para poderem testemunhar das experiências que tinham tido com Jesus. A prova e exemplo disto está na pregação de Pedro no Pentecostes e posteriormente. Ele e os demais discípulos, que até o último momento da sua convivência com Jesus nada tinham ainda compreendido da sua obra e pessoa, receberam no dia de Pentecostes uma compreensão clara da sua experiência com ele. Este foi o verdadeiro milagre de Pentecostes - capacitação dos discípulos pela compreensão e coragem para atuarem como testemunhas de Jesus, poder este criado neles pelo Espírito Santo.

Na sua pregação no Pentecostes, porém, Pedro não se referia a vinda do Espírito Santo como se fosse esta o cumprimento da promessa de Jesus Cristo dada no dia da ascensão, tampouco disse que era ela o cumprimento do anúncio de João Batista. Havia entre os judeus divergências quanto à origem e autoridade do ministério de João Batista. A palavra que João Batista dissera sobre o Espírito Santo talvez não fosse bem conhecida pelo povo em geral, menos ainda pelos judeus vindos do estrangeiro que estavam ouvindo a pregação de Pedro. Também a promessa do Cristo ressurreto, referente ao batismo no Espírito Santo, certamente não era do domínio público. O anúncio de João Batista e a promessa de Jesus Cristo dada no dia da ascensão sobre a vinda do Espírito Santo não serviram, portanto, de base objetiva para Pedro poder interpretar aos seus ouvintes no Pentecostes o que estava acontecendo naquele dia.

Na sua exposição, Pedro baseou-se então na profecia de Joel. Disse que esta se cumpriu naquele dia e que o fato se verificou mediante a atuação de Jesus, o Nazareno. Disse mais, que o ministério anterior de Jesus tinha sido atestado por Deus com sinais, e que Deus o havia ressuscitado dentre os mortos. *"De sorte que, exaltado pela destra de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo", disse Pedro, "[Cristo] derramou isto que vós agora vedes e ouvis"* (At 2.33). Pedro deixou claro que a atuação objetiva e pública do Espírito Santo se verificou só depois de Cristo ter completado a sua obra no mundo e depois de ele ter reassumido a sua glória à destra de Deus.

À luz da profecia de Joel, que significava, então, para Pedro, o batismo no Espírito Santo, que tinha sido anunciado por João Batista e

reafirmado pelo próprio Cristo no dia da sua ascensão? O profeta Joel predissera que Deus derramaria do *"seu Espírito sobre toda a carne"*, ou sobre todas as classes sociais - filhos, velhos, servos e servas. Deu a entender com isto que terminaria o regime do Antigo Testamento no qual o recebimento do Espírito de Deus era privilegio apenas de algumas pessoas. De acordo com Joel, o derramamento do Espírito Santo sobre todos os homens traria os seguintes efeitos: Eles ficariam habilitados a profetizar, teriam visões. Interpretando esta profecia de Joel nos termos da linguagem de Pedro, ela significa que, mediante a atuação do Espírito Santo, os homens estarão capacitados a testemunhar das grandezas de Deus, ou da sua revelação em Cristo. Aquilo que no tempo do Antigo Testamento tinha sido privilegio só dos profetas, ou das pessoas divinamente escolhidas para serem portadoras da mensagem histórica de Deus, tornou-se, no Pentecostes, e daí em diante, um privilegio que estava ao alcance de todos. O derramamento do Espírito trouxe para todos o privilegio de compreender e de interpretar à sua própria vida em suas verdadeiras perspectivas históricas.

Os efeitos universais e escatológicos desta mesma atuação do Espírito do Senhor nos homens foram anunciados pelo profeta Joel em termos de *"prodígios no céu e na terra"* ou como prenúncios de juízo. Esta mesma ideia foi declarada também por Jesus quando disse que o Espírito Santo convenceria o mundo do pecado, e da justiça e do juízo. Enquanto para uns o Espírito abrirá os horizontes da sua própria vida individual e da vida humana em geral, para outros este mesmo Espírito trará juízo. Esta interpretação da profecia de Joel, dada pelo apóstolo Pedro, concorda também com a palavra de João Batista que dissera que o Messias ajuntará uns como trigo no celeiro e que lançará outros como palha no fogo. Em face deste cumprimento da profecia de Joel que estava acontecendo no Pentecostes. Pedro exortou os seus ouvintes, dizendo: *"Arrependei-vos, ... salvai-vos desta geração perversa"*, sujeita a juízo e condenação.

4 - Significado essencial do batismo no Espírito Santo

Recapitulemos agora, em resumo, o significado essencial do batismo no Espírito Santo para os apóstolos como indivíduos e como grupo. Para ênfase, reafirmamos que o significado da sua experiência

não estava nos sinais visíveis que ocorreram no Pentecostes. Estes não tinham sido anunciados antes, nem foram mencionados pelos apóstolos depois que deles tiveram a experiência. Os sinais não fizeram parte da obra do Espírito Santo propriamente dita. O significado do batismo dos apóstolos no Espírito Santo estava nos efeitos espirituais e mentais nele produzidos. Estava na compreensão que no momento receberam da obra e pessoa de Jesus Cristo. O significado do batismo no Espírito Santo estava, enfim, na própria presença e permanência do Espírito Santo neles. Os apóstolos estavam entregues ao convívio e cuidado completo do Espírito Santo que agora glorificava neles o Jesus da sua experiência anterior como o Cristo de Deus. Em virtude desta presença do próprio Espírito Santo neles, os apóstolos não revelaram depois nenhum interesse em procurar repetir as suas experiências sensíveis tidas no Pentecostes.

Em virtude da presença e atuação do Espírito Santo neles, os apóstolos acharam-se também separados do mundo, ou daqueles que não tiveram esta experiência. Constituíram, portanto, uma nova comunidade espiritual que, na linguagem de João Batista, podia ser comparada ao trigo ajuntado no celeiro e constituíram o núcleo original da comunidade do Cristianismo histórico. Em virtude desta experiência, os apóstolos haviam se tornado testemunhas para darem testemunho consciente e destemido de Jesus Cristo, como ele mesmo o havia predito, dizendo: *"Ele dará testemunho de mim; e também vós dareis testemunho"* (Jo 15.26,27). O Espírito Santo vivificou os poderes pessoais dos apóstolos. Eles não somente creram, mas também entenderam a sua experiência ou as grandezas de Deus reveladas a eles em Cristo Jesus. Assim, batizados no Espírito Santo, os apóstolos passaram a crer, no sentido evangélico do termo, em Jesus como Senhor e Cristo (At 11.16,17).

O significado do batismo no Espírito Santo estava ainda no fato de que os apóstolos agora puderam interpretar a história como história em termos racionais. No Pentecostes nasceu nos apóstolos o Cristianismo como religião histórica. Nasceu também o conceito da história como realidade progressiva. No Pentecostes, na pessoa de Pedro como cristão, o homem, como homem, pela primeira vez na história abriu seus olhos mentais e explicou o presente a luz do

passado; explicou também o futuro à luz do passado e do presente. À luz da sua experiência com o Filho do Homem, a quem Deus fizera o Senhor e Cristo mediante a atuação do Espírito Santo, Pedro predisse também a vitória deste mesmo Cristo de Deus sobre todos os seus inimigos. Isto ele fez e pode fazer porque estava batizado no Espírito Santo ou entregue ao seu cuidado e orientação.

3

O ESPÍRITO SANTO NA FORMAÇÃO DA IGREJA

1 - O significado de receber “dom do Espírito Santo”

A interpretação da obra do Espírito Santo na formação da comunidade cristã, ou do Cristianismo histórico, ou da igreja, que se verificou a partir de Pentecostes, depende em parte de compreendermos o significado da declaração de Pedro no Pentecostes, quando disse: *"Recebereis o dom do Espírito Santo"* (At 2.38). Determinar o seu significado não tem sido fácil. Esta dificuldade, aparentemente, tem favorecido a ideia que alguns intérpretes têm de que o crente, além da sua experiência com Cristo como Salvador, precisa ter ainda uma outra experiência com o Espírito Santo, ou uma "segunda bênção". Tal ideia, porém, não se justifica à luz das Escrituras. Basta examinarmos o significado da declaração do apóstolo. Isto servirá também de base para podermos interpretar outras passagens no livro de Atos e em outras partes do Novo Testamento onde se mencionou o recebimento do *"Espírito Santo"* como se vê, por exemplo, em At 8.17 e 19.2.

Para compreendermos o sentido da palavra de Pedro sobre o "receber o dom do Espírito Santo", precisamos examinar o contexto. O sentido desta passagem está no próprio contexto e no significado dos termos. Perguntemos: Que foi que o apóstolo Pedro deu a entender aos seus ouvintes no Pentecostes, quando disse: *"Recebereis o dom do Espírito Santo"*? Que foi que os ouvintes entenderam, enfim, quando ouviram esta declaração? Para achar a resposta a estas

perguntas, basta verificar como foi que esta palavra de Pedro se cumpriu. A resposta está na própria narrativa. Não poderia deixar de estar ali, dada a importância da declaração e da ocasião quando foi proferida. A história dos acontecimentos de Pentecostes estaria incompleta se não mencionasse como foi que as pessoas, que aceitaram a palavra de Pedro, receberam o referido *"dom do Espírito Santo"*.

Quando os ouvintes da pregação de Pedro perguntaram aos apóstolos: *"Que faremos, irmãos?"*, Pedro respondeu, mencionando três coisas (v.38): 1) *"Arrependei-vos"* 2) *"cada um de vos seja batizado"*; e 3) *"Recebereis o dom do Espírito Santo"*. Mais adiante (v.41), Lucas, o historiador, relata como foi que as palavras de Pedro se cumpriram, inclusive as referentes ao recebimento do *"dom do Espírito Santo"*. Lucas diz que *"os que de bom grado receberam a sua palavra, foram batizados"*. Cumpriu-se assim, a segunda recomendação de Pedro. Lucas não diz que, antes do batismo, tivesse havido arrependimento por parte dos que se batizaram. Não era necessário dizer isto, pois o arrependimento era pré-requisito para o batismo. Portanto, ficou subentendido. Falta verificar agora o que foi o recebimento do *"dom do Espírito Santo"*, pelos que se batizaram. Depois de se referir aos que se batizaram, Lucas acrescenta: *"E naquele dia agregaram-se quase três mil almas"*. A palavra de Pedro que diz: *"Recebereis o dom do Espírito Santo"*, para o autor do livro de Atos, cumpriu-se no fato de terem sido estas as pessoas *"agregadas"*. O recebimento do *"dom do Espírito Santo"* verificou-se no fato de as pessoas serem *"agregadas"*.

Para Lucas, receber *"o dom do Espírito Santo"* significou ser admitido ou agregado, significou entrar na comunidade dos apóstolos que naquele dia tinham sido batizados no Espírito Santo. Para outros entrarem nessa comunidade era necessário arrepender-se, batizar-se em nome de Jesus Cristo em virtude do perdão dos pecados. Receber o dom do Espírito Santo significou entrar nas atividades da nova comunidade espiritual mencionadas mais adiante no texto, como sejam: perseverança na *"doutrina dos apóstolos"*, na *comunhão*, e no *partir do pão e nas orações*. *"O dom do Espírito Santo"* era a entrada, ou ser recebido na nova comunidade cristã mediante o

arrependimento, a fé em Cristo e batismo. O termo abrange a experiência cristã completa que, no caso dos apóstolos, tinha sido progressiva, ao passo que no caso dos outros que se converteram no Pentecostes, e no dos que se iam convertendo daí por diante, esta experiência era imediata. *"O dom do Espírito Santo"* era fazer parte da comunidade espiritual que mais tarde veio a ser chamada de *"igreja"*. Esta comunidade teve o seu começo histórico na ocasião do batismo dos apóstolos no Espírito Santo e, daí em diante, continuou crescendo ou sendo formada como o *"corpo de Cristo"* pela atuação do Espírito Santo naqueles que se iam convertendo e sendo agregados. Aplicando ao acontecimento de Pentecostes a linguagem que mais tarde foi empregada pelo apóstolo Paulo, aqueles que na ocasião se batizaram foram, em última análise, batizados no *"mesmo Espírito"*, formando um *"corpo"* ou a igreja (1Co 12.13). Assim, mediante o seu arrependimento e batismo em nome de Jesus Cristo, as quase três mil pessoas, acima referidas, receberam *"o dom do Espírito Santo"*. Em outras palavras, foram admitidas ou passaram a ser membros do corpo de Cristo e a gozar os privilégios e responsabilidades de crentes sob a direção do Espírito Santo.

O batismo dos apóstolos no Espírito Santo no Pentecostes, como início ou formação do corpo de Cristo, foi um fato histórico com efeitos universais. *"A promessa"*, disse Pedro, aos seus ouvintes interessados, era extensiva como *"dom"* também *"a vós, a vossos filhos (...) a quantos o Senhor nosso Deus chamar"* (At 2.39). Nas Escrituras Sagradas o termo *"batismo no Espírito Santo"*, é empregado num sentido restrito. Refere-se só à vinda do Espírito Santo no Pentecostes sobre os apóstolos. O termo não aparece empregado com referência àqueles que se converteram e se batizaram depois do Pentecostes nem mesmo foi empregado com referência aos quase três mil que se converteram no próprio dia de Pentecostes. Estes, mediante o seu arrependimento e batismo na base da remissão dos seus pecados, tiveram uma experiência cristã idêntica àquela que os apóstolos haviam recebido, não pelo mesmo processo histórico progressivo, mas sim por um processo imediato e com um conteúdo espiritual completo, experiência esta a que se referiu Pedro como *"o dom do Espírito Santo"*. Também estes quase três mil foram agregados aos apóstolos, e com eles tornaram-se participantes da mesma experiência

cristã, *"formando um corpo"* o que aliás se verifica com todos os que tem experiência cristã. A distinção do *"batismo no Espírito Santo"* e o *"dom do Espírito Santo"* é que aquele só se refere aos apóstolos, que tinham acompanhado Jesus no seu ministério e que eram suas testemunhas oculares e que constituíram o início histórico da comunidade cristã ou igreja. O termo *"dom do Espírito Santo"* refere-se a outros que se converteram no Pentecostes e depois foram agregados aos apóstolos como fundamento histórico da igreja ou do Cristianismo organizado. A estes, Pedro não disse: Sereis batizados no Espírito Santo, mas recebereis o dom do Espírito Santo. O termo *"batismo no Espírito Santo"* é histórico e limitado e o termo *"receber o dom do Espírito Santo"* é eclesiástico e de aplicação universal.

2 - O estabelecimento do Cristianismo histórico e obra do Espírito Santo

O estabelecimento ou a criação do Cristianismo como religião histórica foi uma obra progressiva do Espírito Santo. Esta foi a sua obra não só no início do Cristianismo nos tempos apostólicos, mas tem sido também a obra do Espírito Santo na continuação e progresso do Cristianismo até os nossos dias. Jesus não estabeleceu no mundo o Cristianismo como uma religião organizada. Não organizou um Cristianismo visível com os aspectos externos com que este se tem apresentado durante os séculos. Jesus Cristo criou nos homens uma nova vida, o Cristianismo espiritual, baseado na sua obra redentora e na relação pessoal estabelecida entre as pessoas salvas e ele mesmo como Salvador.

O Cristianismo histórico ou visível é obra do Espírito Santo levada a efeito em cooperação com os próprios cristãos. Surgiu como fruto da sua interpretação da pessoa de Jesus Cristo feita por aqueles que creram nele. Esta interpretação, porém, como já dissemos, era feita sob a direção do Espírito Santo. Em última análise, portanto, o Cristianismo foi obra do Espírito Santo, primeiramente através dos apóstolos e depois também através dos cristãos em geral. Esta é a fase da obra do Espírito Santo, relativa ao Cristianismo histórico, que deve merecer uma atenção especial, pois é nela que também nós estamos empenhados. Além disso, é também no Cristianismo histórico que constantemente surgem problemas de interpretação e de prática.

Na atuação do Espírito Santo na formação do Cristianismo histórico, relatada no livro dos Atos dos apóstolos, observamos várias modalidades no modo de o Espírito Santo agir na sua obra. Estas modalidades, certamente, não se apresentam como aspectos explicita e objetivamente definidos, tampouco podem ser percebidas em ordem cronológica ou gradativa que tornasse fácil a classificação das experiências históricas na base destas mesmas modalidades. A atuação do Espírito Santo não segue, necessariamente, um sistema ou método rigoroso como a nossa mente ou raciocínio o gostaria de encontrar para uma satisfação própria meramente formal. Isto, aliás, se verifica em todos os processos de vida, do espírito e da história. A sistematização não é a finalidade nem a última palavra na interpretação. Na atuação do Espírito Santo não podemos nem devemos, pois, nos preocupar muito com qualquer sistematização rigorosa. Portanto, vamos primeiro apenas enunciar as diferentes modalidades na atuação do Espírito Santo no estabelecimento do Cristianismo histórico para depois abordarmos os efeitos práticos que encontramos relatados na história dos Atos.

A atuação do Espírito Santo no estabelecimento do Cristianismo como religião histórica, ou na interpretação prática do significado da obra de Jesus Cristo, foi inicialmente, por assim dizer, uma atuação unilateral e sem nenhuma iniciativa e participação consciente por parte dos próprios apóstolos e outros crentes. No dia de Pentecostes, por exemplo, o Espírito Santo veio sobre os apóstolos que haviam estado com Jesus. A atuação do Espírito Santo foi, na realidade, o dom de Deus, sem que tivessem os próprios apóstolos tomado alguma iniciativa deliberada, além de esperarem a *"promessa do Pai"*. O Espírito Santo simplesmente veio sobre eles e atuou neles, através deles. As Escrituras Sagradas não dizem que o Espírito Santo no Pentecostes tivesse falado aos apóstolos alguma coisa. Esta mesma modalidade unilateral da atuação do Espírito Santo notamos também com aqueles que se converteram no Pentecostes e depois. As primeiras atividades desses crentes foram, por assim dizer, psicológicas, espontâneas, inspiradas pela ação unilateral do Espírito Santo. Foi o Espírito Santo quem levou os primeiros cristãos a se constituírem em uma comunidade sem que eles mesmos tomassem qualquer iniciativa deliberadamente. A atuação do Espírito Santo era a

obra de tutor, enquanto os cristãos ainda não estavam em condições de agir por si. Nesta primeira fase do Cristianismo, a atuação do Espírito Santo foi acompanhada de sinais visíveis operados pelos apóstolos como provas externas da atuação divina que estava em processo. Esses sinais eram a obra de Deus, Pai, a semelhança do que se verificou também no ministério de Jesus.

Na segunda fase da atuação do Espírito Santo, observamos também uma iniciativa e cooperação voluntária por parte dos apóstolos, em matéria da organização do trabalho. Estes atuaram por sua própria conta, sendo apenas orientados ou auxiliados pelo Espírito Santo, mas isto sem qualquer manifestação específica ou sensível por parte do Espírito Santo. Na história dos Atos dos Apóstolos, ou na expansão do Cristianismo, observamos também uma terceira modalidade nas atividades dos crentes. É uma fase em que os apóstolos agiram, por assim dizer, naturalmente, ou com os seus próprios recursos mentais, sendo, certamente, inspirados e orientados pelo Espírito Santo, mas sem que isto fosse explicitamente mencionado pelo historiador. Nesta fase do progresso do Cristianismo, a iniciativa partiu dos próprios apóstolos, baseada na sua própria compreensão. Finalmente, observamos na propagação do Cristianismo primitivo mais uma outra fase na atuação do Espírito Santo. Esta relaciona-se principalmente com a preparação e uso da palavra escrita nas igrejas, ou do Novo Testamento. Com esta fase se completam as modalidades da atuação do Espírito Santo. Com a criação da literatura, encerra-se o estabelecimento dos métodos permanentes pelos quais o Cristianismo iria se propagar neste mundo. Esta é a fase em que nós, hoje, também estamos empenhados.

É interessante comparar estas fases ou graus na atuação direta ou indireta do Espírito Santo na implantação e formação do Cristianismo histórico com o método que Jesus seguiu na operação dos sinais visíveis no seu ministério. Na operação dos sinais, a iniciativa de Jesus, por exemplo, ia decrescendo ao passo que a iniciativa dos homens ia aumentando para que ele os fizesse. Vamos, pois, examinar agora mais de perto a atuação ou o grau de participação do Espírito Santo nos diferentes acontecimentos que eram marcos na história do Cristianismo primitivo. Trata-se dos fatos que são típicos e que

revelam os modos de o Espírito Santo atuar na experiência humana e que foram escritos para nossa orientação.

3 - A atuação empírica do Espírito Santo nos cristãos primitivos

O primeiro efeito prático ou resultado da vinda histórica e atuação do Espírito Santo nos apóstolos no Pentecostes, e que se projetou nas suas relações externas ou sociais, foi a conversão de quase três mil pessoas. Pela atuação do Espírito Santo nos apóstolos de Jesus Cristo, o Cristianismo começou a se propagar como a religião da salvação. Diante da pregação ou do testemunho de Pedro referente à obra de Deus em ressuscitar e exaltar Jesus Cristo, os ouvintes ficaram compungidos nos seus corações, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos, dizendo: *"Que faremos, irmãos?"* Pedro respondeu: *"Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo"* (At 2.37,38). Foi a primeira vez na história da humanidade quando o homem, em plena consciência do que estava fazendo, disse a outros homens o que estes deviam fazer para se salvar. Jesus, certamente, já havia pregado no seu ministério, dizendo: *"Arrependei-vos e crede no evangelho"* (Mc 1.15). Já dissera também, no dia da ressurreição, que convinha que Cristo padecesse e que em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados; Jesus Cristo havia concedido também a grande comissão, dizendo: *"Fazei discípulos de todas as nações"*. Esta obra de evangelização exemplificada, ensinada e ordenada por Jesus Cristo teve o seu verdadeiro início, ou inauguração histórica, só quando os seus apóstolos foram batizados no Espírito Santo, e quando Jesus havia completado a sua obra redentiva. A primeira atuação do Espírito Santo foi leva-los a anunciar aos outros a salvação que há para todos em Cristo. Esta é a atuação, a obra do Espírito Santo em todo homem que chega a conhecer a Jesus Cristo como Salvador.

Depois da conversão e batismo daqueles que no Pentecostes aceitaram a palavra de Pedro, observamos neles mais outra modalidade de atuação do Espírito Santo. Vemos que estes recém-convertidos "perseveraram na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações (At 2.42). E no uso dos seus bens materiais para finalidades coletivas. Estas novas atividades dos

nascidos de novo eram acompanhadas, ou visivelmente evidenciadas perante o público em geral, pelas maravilhas e sinais que se fizeram por intermédio dos apóstolos. A origem desta iniciativa por parte dos que se converteram, porém, não está explicitamente declarada na história do livro de Atos. O que os cristãos primitivos fizeram era natural e mesmo necessário a continuação da sua nova vida de convertidos. Constitui realmente o ideal prático do Cristianismo, ideal cuja espontaneidade e aspectos práticos os cristãos daquele tempo até hoje nunca atingiram como uma iniciativa voluntária. Perguntamos agora: De onde veio esta nova vida espontânea, original e ideal? Como foi que estes cristãos recém-convertidos chegaram a empreender e a realizar este padrão da vida cristã tão elevado? Assim como a primeira confissão dos apóstolos de que Jesus era o Cristo, o Filho do Deus vivo, "não veio da carne nem do sangue", assim também as primeiras atividades dos cristãos primitivos não foram de origem humana, mas sim do Espírito Santo que atuava neles. Foi uma obra unilateral do Espírito Santo que se manifestava neles como iniciativa espontânea. Em outras palavras, foi a manifestação do "*primeiro amor*", derramado em seus corações pelo Espírito Santo. o Cristianismo histórico, nesta modalidade inicial e com esta espontaneidade perfeita, constitui um exemplo ou ideal do que deve ser o Cristianismo na vida prática de todos os crentes. Tendo sido assim implantado na vida dos apóstolos e dos outros crentes primitivos pelo Espírito Santo, o Cristianismo trouxe alegria para eles e teve a aprovação do povo em geral. Nesta fase inicial do Cristianismo, a atuação dos crentes era quase em sua totalidade obra do Espírito Santo. Isto, porém, foi o começo, a sua fase espontânea. A transição desta fase inicial do Cristianismo para bases conscientes e voluntárias, porém, foi um processo longo e cheio de obstáculos que o Cristianismo incipiente precisou vencer. Não era bastante que o Espírito Santo implantasse nos crentes em Jesus um Cristianismo apenas empírico, embora genuinamente perfeito quanto à sua manifestação espontânea e objetiva. Era necessário que o Espírito Santo conduzisse esses mesmos crentes para uma vida cristã que fosse também consciente e voluntária. Isso foi levado a efeito através de muitas lutas inevitáveis contra o poder das trevas, cuja narrativa encontra-se no livro de Atos capítulos 3 e 4.

O primeiro conflito na expansão do Cristianismo histórico surgiu em conexão com a cura do coxo junto à porta, chamada Formosa, do templo de Jerusalém. O conflito surgiu sem nenhuma ação premeditada de Pedro e João. O milagre foi a obra de Deus, Pai, para a glorificação de seu Filho Jesus Cristo. Em consequência do milagre, o Cristianismo incipiente entrou em conflito com as autoridades da religião dominante: os sacerdotes, o capitão do templo e os saduceus. O milagre ofereceu ocasião para que Pedro e João anunciassem ao povo o arrependimento e a remissão dos pecados.

Na descrição deste conflito, que surgiu entre os apóstolos Pedro e João, de um lado, e as autoridades eclesiásticas, do outro, temos apenas uma referência direta do Espírito Santo. É significativo que o Espírito Santo não aparece mencionado na narrativa da cura do coxo e nem na explicação do acontecimento que estes dois apóstolos deram ao povo. O milagre foi obra de Deus, Pai, e os próprios apóstolos o souberam explicar. A atuação do Espírito Santo aparece mencionada só quando esses mesmos apóstolos, no dia seguinte, estavam sendo interrogados pelo sinédrio. Ali lemos: *"Então Pedro, cheio do Espírito Santo disse:"* Qual foi, então, a atuação do Espírito Santo no caso? Pedro explicou ao sinédrio que a cura do coxo tinha sido operada em nome de Jesus o Nazareno. Declarou ainda que esse Jesus é o único nome em quem devemos ser salvos. Não foi, porém, esta interpretação dada por Pedro que impressionou o sinédrio. Nela não apareceu qualquer referência direta ao Espírito Santo. Antes, o que impressionou as autoridades foi a intrepidez de Pedro e João e o fato de terem eles estado com Jesus. Embora indoutos, os apóstolos não temiam as autoridades. A atuação do Espírito Santo no caso não estava na explicação do milagre, cuja procedência já era compreendida pelos apóstolos. A atuação do Espírito Santo estava em dar-lhes a coragem moral para falar as autoridades, dizendo: *"Julgai vós se é justo diante de Deus ouvir antes a vós do que a Deus"*. A este desafio ao seu raciocínio, as autoridades nada responderam. Depois, quando os dois apóstolos foram postos em liberdade, e quando foram aos irmãos reunidos para oração, pediram que eles todos tivessem a mesma coragem, coragem esta da qual os dois apóstolos já estavam revestidos. A Escritura diz, então, que todos eles ficaram cheios do Espírito Santo e anunciaram, com liberdade, a palavra de Deus.

Notamos, portanto, que no decorrer desse conflito só aparece mencionado o Espírito Santo e a sua atuação direta quando se faz referência à coragem de Pedro e João e não quando se relata o milagre da cura nem quando se relata a interpretação desse milagre.

4 - A atuação racional e ética do Espírito Santo

Depois de relatar esta primeira vitória do Cristianismo através dos apóstolos, sobre as autoridades religiosas do judaísmo e depois de relatar ainda o despertar espiritual nos crentes que daí resultou, Lucas apresenta na sua história um novo retrato da comunidade cristã com alguns novos desenvolvimentos (At 4.32,35). Notamos agora, por exemplo, que aquilo que os cristãos a princípio haviam feito por um impulso espontâneo passaram a fazer voluntariamente como coisa conscientemente compreendida. Nesta segunda descrição dos crentes em geral, Lucas não faz mais qualquer referência a que os apóstolos continuassem a operar maravilhas e sinais. Afirma, porém, que eles com grande poder deram o testemunho da ressurreição de Jesus. Acrescenta ainda que, entre os cristãos primitivos, não havia problemas econômicos e que em todos eles havia abundante graça. É claro que este novo progresso na compreensão era fruto da atuação do Espírito Santo neles, mas o próprio Espírito ali não aparece mencionado explicitamente. Na proporção em que a compreensão dos cristãos ia se desenvolvendo, as referências diretas ao Espírito Santo decrescem na história dos Atos dos Apóstolos.

Depois deste segundo quadro da vida espiritual e econômica da coletividade dos cristãos primitivos, o livro de Atos apresenta um novo passo no desenvolvimento do Cristianismo como religião histórica, no qual pela primeira vez o Espírito Santo é mencionado objetivamente pelo próprio apóstolo Pedro (At 5.13). Até esta altura na história do Cristianismo, o Espírito Santo só aparece mencionado pelo autor do livro, ou historiador, e não pelos apóstolos. Neste novo marco na história, trata-se do caso de Ananias e Safira, ou do primeiro caso de disciplina no Cristianismo. Ao perceber a falsidade de Ananias, Pedro chamou-o à responsabilidade, dizendo: *"Por que encheu Satanás o teu coração para mentir ao Espírito Santo?"* A punição imediata que veio sobre Ananias e sua esposa foi obra divina e humana. Este fato impressionou a todos, cristãos e não cristãos. A

finalidade desta ação divina foi estabelecer uma separação definitiva entre o Cristianismo e o farisaísmo; foi para eliminar e impedir qualquer nova entrada de hipocrisia ou falsidade para o meio dos cristãos. A morte de Ananias e Safira foi uma advertência para todos. Este caso de disciplina, por um lado unificou os cristãos ainda mais e, por outro, afastou deles os não cristãos (At 5.12,13). É só depois da eliminação de Ananias e Safira do meio dos crentes que aparece, pela primeira vez na história do livro de Atos, a menção do termo "*igreja*". Até então, ainda não tinha havido uma separação externa ou visível entre o Cristianismo e o judaísmo. Esta separação veio como consequência do desenvolvimento dos crentes na compreensão e também como obra do Espírito Santo.

No começo da expansão do Cristianismo, o testemunho que os apóstolos davam da ressurreição de Jesus como obra de Deus, e da necessidade de os homens se arrependerem para a remissão dos pecados, era uma atividade impulsionada exclusivamente pelo Espírito Santo. Os apóstolos agiam levados por uma espontaneidade tal que nem pensavam objetivamente na sua própria atividade e em si mesmo como agentes dela. Esta modalidade de agir, porém, não era ainda o ideal da vida cristã. Não bastava que os crentes apenas fizessem as coisas. Era necessário também que agissem cômicos de sua própria obra e também de si mesmos. Na história do Cristianismo, portanto, só mais tarde aparece uma modalidade mais elevada na atuação dos apóstolos. Observamos isto, por exemplo, na ocasião das perseguições movidas contra eles pelo sumo sacerdote. Na sua defesa perante o sínédrio, ao darem o seu testemunho, os apóstolos falaram cômicos não só de si mesmos, mas também do Espírito Santo. Falaram de Cristo, da sua morte, ressurreição e exaltação para ser príncipe e salvador; falaram também de si mesmos, dizendo que eram testemunhas destas coisas e acrescentaram ainda que o Espírito Santo também era (At 5.32). Esta nova modalidade de se apresentarem revela um grande progresso dos apóstolos na compreensão da sua obra. Em ocasiões anteriores, quando o historiador Lucas menciona o testemunho dos apóstolos a ressurreição de Jesus Cristo, não encontramos esta distinção entre a sua consciência de si mesmos e a do Espírito Santo.

Perguntamos agora: Como foi que os apóstolos Pedro e João chegaram a ter essa compreensão? A Escritura diz que quando os apóstolos foram milagrosamente libertados da prisão pelo anjo do Senhor, este mandou que fossem ao templo e pregassem ali ao povo *"todas as palavras desta vida"*. os apóstolos fizeram o que o anjo descerá. Foi em virtude desta obediência direta, imediata, pois, que receberam a compreensão de que a sua missão de testemunhar era distinta e ao mesmo tempo unida à obra do próprio Espírito Santo. Afirmaram, portanto, perante o sinédrio: *"Nós somos testemunhas destas coisas, e bem assim o Espírito Santo, que Deus deu àqueles que lhe obedecem"* (At 5.32). Em virtude da sua obediência à vontade de Deus, manifestada pela palavra do anjo, obediência que não era fácil no momento, foi-lhes dado discernir entre a sua própria obra e a do Espírito Santo, como atividades distintas, visando ambas a mesma finalidade. Cumpriu-se assim a palavra de Jesus: *"Ele"*, o Espírito Santo, *"dará testemunho de mim; e também vos dareis testemunho"* (Jo 15.26,27). Eram atividades e fatores distintos. Devemos notar aqui que a menção do Espírito Santo se refere à interpretação da obra de Deus elevando Jesus a Príncipe e Salvador, e não a libertação milagrosa dos apóstolos da prisão. Esta libertação foi obra de Deus, Pai. Para isto Deus usou o anjo, bem como para dizer aos apóstolos o que deviam fazer depois de estarem libertos. A operação dos milagres e a entrega de ordens para serem obedecidas são atribuições que não pertencem à esfera da atuação do Espírito Santo. Por isto Deus usou um anjo para dizer aos apóstolos o que deviam fazer. Também a sua libertação da prisão não foi obra do Espírito Santo, mas a interpretação da pessoa de Jesus Cristo o foi. Na história do Cristianismo apostólico, a operação de milagres no mundo físico e a interpretação da verdade em Jesus Cristo apresentam-se como atribuições distintas, sendo a primeira de Deus, Pai, e a outra do Espírito Santo.

Quando Gamaliel ouviu a interpretação dos apóstolos sobre a natureza do seu testemunho acima referido (At 5.32), dado com pleno conhecimento de causa, ele disse aos membros do sinédrio *"Dai de mão a estes homens, e deixai-os, porque este conselho ou esta obra, caso seja dos homens, se desfaz"* (At 5.38). Gamaliel percebeu a força da afirmação consciente dos apóstolos e o apoio do Espírito Santo que

a mesma teve. A atuação dos apóstolos em face da perseguição não era um simples entusiasmo de momento. Pelo contrário, teve por base a certeza dos fatos e o conhecimento que os apóstolos tiveram de si mesmos como testemunhas e também do testemunho distinto do Espírito Santo. Gamaliel compreendeu o peso desses dois testemunhos. Este acontecimento no sinédrio marcou uma nova época na história da atuação do Espírito Santo. Esta nova compreensão dos apóstolos foi um fato coletivo e não apenas individual. Eles todos tinham chegado ao ponto de poderem agir consciente e livremente como indivíduos e também como grupo no cumprimento de sua tarefa de testemunhar de Jesus Cristo.

Na história do progresso do Cristianismo apostólico, no livro de Atos, observamos que, por um lado, as referências diretas ao Espírito Santo iam diminuindo e que, por outro lado, a consciência própria e a iniciativa dos apóstolos iam aumentando. Isto prosseguiu até que se estabelecesse, para a propagação do Cristianismo, o método definitivo e universal, método este válido para todos os tempos, inclusive o nosso. Vejamos agora algumas das experiências da história do Cristianismo primitivo que revelam os princípios fundamentais da atuação do Espírito Santo.

Observemos, por exemplo, como se processou a primeira iniciativa para se estabelecer uma organização ou divisão de trabalho na igreja em Jerusalém, ou como se fez a separação entre o ministério da palavra e das mesas. Nesta conexão, as Escrituras Sagradas não mencionam qualquer atuação específica do Espírito Santo. A iniciativa partiu dos apóstolos. A ideia de dividir o trabalho veio da necessidade e da sua reflexão racional. Eles tinham chegado à conclusão do que deviam fazer. Disseram à multidão: *"Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas"* (At 6.2). Depois orientaram a igreja que escolhesse para o ministério das mesas homens de reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, em outras palavras, homens de iniciativa e experientes em matéria de administração. Para esta organização do trabalho espiritual e do material da igreja, o historiador não diz que os apóstolos buscassem alguma orientação especial do Espírito Santo. Isto não quer dizer, todavia, que estivessem agindo em desacordo com ele. Agiram

segundo o próprio raciocínio ou entendimento, esclarecido pelo Espírito Santo para atender à necessidade do momento. Para organizar o trabalho e para administrar as finanças da igreja, por exemplo, os crentes precisam usar seu próprio raciocínio e não esperar por nenhuma direção específica do Espírito Santo. É o que observamos na atuação dos apóstolos na solução dos problemas da igreja.

Depois da distribuição das responsabilidades na igreja em Jerusalém, o trabalho tomou novo impulso. Até uma grande parte dos sacerdotes converteu-se. Depois vieram novas perseguições que levaram o Cristianismo a se propagar também fora de Jerusalém. As perseguições surgiram contra Estevão que se destacou mais como pregador do que como servo às mesas. Era homem cheio de fé e de conhecimento e que fazia muitas maravilhas. Estevão interpretou a atitude hostil dos judeus como resistência ao Espírito Santo. O Espírito Santo é mencionado em relação a Estevão quando foi escolhido para servir às mesas como também quando estava sendo martirizado. Como homem de fé, na hora da morte ele viu o Filho do homem à destra de Deus. É nesta conexão, pois, que o historiador menciona o Espírito Santo mostrando a Estevão o Cristo por quem ele estava dando a vida. Esta foi uma nova atuação do Espírito Santo na expansão do Cristianismo, cuja história está cheia de mártires.

4

O ESPÍRITO SANTO NA EXPANSÃO UNIVERSAL

DO CRISTIANISMO

Depois da morte de Estevão, o Cristianismo passou a se propagar também fora de Jerusalém. Esta propagação foi o resultado de uma atuação individual dos crentes dispersos pela perseguição, que após o Pentecostes tinham sido doutrinados pelos apóstolos. Na história desta nova fase de propagação não aparece qualquer referência direta ou específica ao Espírito Santo, a não ser nos casos estratégicos, ou acontecimentos que se tornaram marcos na história do Cristianismo, como por exemplo, na sua entrada para o meio dos samaritanos e gentios, na conversão de Saulo e outros. Com a exceção destes casos marcantes, a Cristianismo continuou a se propagar sem que houvesse alguma manifestação especial do Espírito Santo. Isto dá a entender que uma propagação normal ou geral do Cristianismo não depende de qualquer atuação ou manifestação do Espírito Santo na expansão do Cristianismo, narrado no livro de Atos, o Espírito Santo só aparece mencionado explicitamente com relação a novas iniciativas que se tornaram marcos na história.

1 - Atuação histórica do Espírito Santo entre os samaritanos

Quando o Cristianismo entrou para o meio dos samaritanos, aconteceu uma manifestação especial do Espírito Santo. Havia razões para isto. Os samaritanos não eram judeus. Também Filipe, que ali pregou, não era apóstolo. Depois da dispersão da igreja em Jerusalém, foi ele o primeiro leigo a pregar o evangelho a estrangeiros. Havia, depois, necessidade de sinais ou de evidências divinas e visíveis de que o Cristianismo não era só para os samaritanos e gentios. Os samaritanos, que tinham sido batizados por Filipe, precisavam ser reconhecidos pelos apóstolos em Jerusalém. Precisavam ser "agregados"; precisaram receber "o dom do Espírito Santo", na linguagem de Pedro usada no Pentecostes. Para que este reconhecimento não deixasse dúvidas nos crentes judaicos, houve em Samaria uma manifestação visível e pública do Espírito Santo. Isto colocou os crentes samaritanos em pé de igualdade com os crentes judaicos. O livro de Atos, porém, não diz explicitamente qual foi esta manifestação visível do Espírito Santo e uma modalidade atraiu a atenção de Simão, o

magos. Em face desta manifestação do Espírito Santo, os crentes samaritanos ficaram agregados, ou foram reconhecidos como em condição de igualdade com os crentes em Jerusalém. Foi um marco na história do Cristianismo que estava se definindo cada vez mais como religião universal, ganhando terreno e vencendo até preconceitos raciais. Mais tarde encontramos, na história de Atos, menção de igrejas existentes em Samaria (At. 9.31). Eram frutos do trabalho ali iniciado por Filipe.

2 - Atuação do Espírito Santo na Evangelização de um Etíope

Na conversão do etíope, encontramos mais outras modalidades especiais de atuação divina. Foi o primeiro trabalho de evangelização pessoal, na experiência de Filipe, que ficou registrado no Novo Testamento. Tratava-se de um prosélito de uma outra raça. Transcender as fronteiras raciais era mais um marco na história do progresso do Cristianismo. Na evangelização do etíope, a iniciativa foi de origem divina. Houve a atuação de um anjo e também do próprio Espírito Santo. Foi nesta experiência que o Espírito Santo deu a entender como Filipe devia e como todo crente deve aproximar-se de uma pessoa religiosa, interessada na Palavra de Deus. Filipe obedeceu. Aprendeu a evangelizar e tornou-se o evangelista por excelência. Tornou-se o único obreiro no Novo Testamento chamado de "*o evangelista*" (At. 21:8). Diante do exemplo da atuação divina com Filipe, não devemos esperar por nenhuma manifestação divina particular ou especial, semelhante a do caso de Filipe, para nos levar a evangelizar pessoas individuais. No caso de Filipe ficou revelado, de uma vez para sempre, qual é a vontade do Espírito Santo para conosco quando estamos diante de pessoas religiosas e que dependem do nosso auxílio para conhecerem a Jesus como Salvador. Aqui devemos acrescentar também que o Espírito Santo, na obra de evangelização só pode usar pessoas que possuam o conhecimento essencial das Escrituras Sagradas.

3 - Atuação do Espírito Santo na implantação do Cristianismo entre os gentios

A manifestação perceptível do Espírito Santo na casa de Cornélio, em Cesaréia, foi um dos grandes marcos na história do

Cristianismo apostólico, que é relatado em Atos 10.1-11.18. O acontecimento não foi, todavia, nenhuma repetição do Pentecostes, nem daquilo que aconteceu em Samaria. A experiência em Cesaréia relacionou-se com a entrada do Cristianismo para o meio dos gentios. Ali transpôs o Cristianismo definitivamente as fronteiras que separavam os judeus dos gentios tanto na base de nacionalidade como na religião. Os aspectos objetivos ou sensíveis deste acontecimento eram únicos. Nunca se tinham verificado antes nem se repetiram depois. Foi um marco com significado próprio como o fora Pentecostes e o que se verificou mais tarde em Éfeso e que será abordado mais adiante.

A manifestação especial do Espírito Santo no caso de Cornélio foi precedida por uma série de fatos, dos quais alguns eram preparatórios e outros interpretativos e que claramente revelam a sua natureza divina e finalidade histórica, como sejam: a) A visão de Cornélio; b) A preparação de Pedro em Jope para que fosse a Cesaréia; c) A manifestação do Espírito Santo nos ouvintes da pregação de Pedro na casa de Cornélio; d) O efeito imediato desta manifestação; e) A interpretação do acontecimento feita depois por Pedro aos irmãos em Jerusalém; f) O significado definitivo do acontecimento admitido pelos irmãos em Jerusalém. A atuação perceptível do Espírito Santo em Cesaréia só pode ser compreendida quando examinada à luz do seu contexto histórico, imediato e mediato, e não quando é considerado apenas como se fosse um fato isolado. Vamos examinar, pois, os fatos acima referidos, apresentados na narrativa, para percebermos a finalidade da atuação visível do Espírito Santo no caso.

a) A visão de Cornélio - A narrativa diz claramente que a visão de Cornélio, como experiência objetiva ou perceptível, veio da atuação de Deus, Pai, e não do Espírito Santo. A narrativa põe em destaque a pessoa de Cornélio. Diz que era romano, gentio, morador em Cesaréia, capital política da Palestina e, portanto, separada da capital religiosa dos judeus. Diz mais que Cornélio era piedoso e temente a Deus como toda a sua casa; diz que ele era caritativo e que orava de continuo a Deus. A narrativa relata ainda e com muita precisão os detalhes da experiência religiosa de Cornélio. Diz que ele

viu claramente um anjo e que isto aconteceu cerca da hora nona do dia; que o anjo relatou o efeito que tiveram diante de Deus as orações e as esmolas de Cornélio. A narrativa dá a entender ainda que a situação espiritual de Cornélio não era satisfatória. O anjo orientou-o, portanto, que mandasse homens a Jope para trazer Pedro para este então dizer o que Cornélio devia fazer para se salvar.

b) A pregação de Pedro - As experiências de Pedro, ao ser preparado para ir a Cesaréia foram muito significativas. Pedro era o mais destacado entre os apóstolos. Era zeloso e fazia muita distinção entre judeus e gentios. Mesmo que admitisse, por princípio, que no Cristianismo não havia distinção entre nacionalidades, no seu sentimento e conduta externa, ele nunca deixou de ser judeu. Na preparação de Pedro para que fosse a Cesaréia atuaram Deus, Pai, e o Espírito Santo. Nesta preparação, houve aspectos objetivos e subjetivos. A visão que Pedro teve como experiência objetiva, no eirado, na hora da oração, era obra de Deus Pai, bem como a voz que lhe disse que não considerasse como imundo o que Deus purificou. Depois, quando Pedro estava meditando sobre a visão e quando os enviados de Cornélio bateram à porta, atuou também o Espírito Santo lhe dizendo que fosse com eles sem escrúpulos. Assim, a experiência de Pedro, constrangendo-o a que fosse à casa de Cornélio era objetiva e subjetiva; era obra de Deus, Pai, e também obra do Espírito Santo. Em face desta pressão dupla, Pedro obedeceu plenamente cômico do que estava fazendo. Sabia que estava contrariando os preconceitos de nacionalidade, seus próprios, e os do povo em geral. Estava tão cômico deste passo seu e das possíveis repercussões, que não quis ir sozinho com os servos de Cornélio. Por isso levou consigo seis irmãos, crentes judaicos, para que presenciassem e fossem testemunhas do que ele fizesse ou do que acontecesse com ele. Chegando a casa de Cornélio, Pedro logo explicou estar consciente de que era proibido a um judeu ajuntar-se a pessoas de uma outra nação, mas Deus lhe havia mostrado e ordenado que fizesse o contrário e que, por isso, veio logo que foi chamado. A preparação de Pedro para que fosse à casa de Cornélio, ou para que ele transpusesse as fronteiras de nacionalidade, foi mais dramática do que a preparação de Cornélio para que mandasse chamar Pedro que era judeu. Para Cornélio bastou a visão, ou a experiência objetiva, e ele logo

obedeceu. No caso de Pedro, porém, não bastou apenas a visão objetiva ou a ordem. Pedro resistiu e somente cedeu quando chegaram os enviados de Cornélio e quando também o Espírito Santo lhe falou que fosse. Mesmo assim, Pedro tomou precauções para que mais pessoas participassem da responsabilidade e das consequências.

c) A manifestação objetiva do Espírito Santo - Diante das experiências preparatórias, tanto no lado de Cornélio como no de Pedro, era natural e mesmo imprescindível que também o objetivo final ou o resultado de tudo isto se evidenciasse numa experiência objetiva, visível, pública e válida para todos. Sem uma experiência sensível do resultado final, esta série de acontecimentos ficaria incompleta e não teria uma base histórica para que estes mesmos acontecimentos pudessem ser interpretados. Esta manifestação perceptível veio exatamente no momento essencial, ou culminante na pregação de Pedro, a mensagem que Cornélio necessitava. Ele precisava saber o que fazer para se salvar. O seu sentimento e atos religiosos ainda não lhe tinham trazido satisfação. Ele ainda não estava salvo. Quando Pedro, na sua pregação, ou no relato da vida e obra de Jesus, declarou que *"todo o que nele crê receberá a remissão dos pecados pelo seu nome"*, nessa altura, *"desceu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra"* (At 10.43,44). A mensagem de Pedro, ou a sua apresentação do caminho da salvação, foi assim atestada pela manifestação perceptível do Espírito Santo. Ficou desse modo objetivamente evidenciado para Cornélio o caminho da salvação. Quando ele ouviu a palavra de Pedro sobre a fé como o caminho para a remissão dos pecados, Cornélio, pela atuação do Espírito Santo, creu. Depois este mesmo Espírito, em manifestação sensível, testemunhou a todos os presentes que Cornélio e a sua família estavam salvos. Assim, com esta atuação divina e visível, ficaram completas as experiências anteriores que haviam preparado o caminho para que o evangelho entrasse para o meio dos gentios. Sem esta atuação perceptível do Espírito Santo, teria ficado incompleta a atuação divina anterior tanto no lado de Cornélio como no de Pedro. Tanto confirmou para Cornélio o que era preciso fazer para se salvar, como também mostrou a Pedro e aos demais crentes judaicos ali presentes que também os gentios são salvos pela fé em Jesus Cristo.

d) Os efeitos imediatos da manifestação do Espírito Santo - O modo pelo qual são relatados os efeitos imediatos da manifestação sensível do Espírito Santo na casa de Cornélio revelam, claramente, a finalidade acima referida desta mesma manifestação. O primeiro efeito mencionado na narrativa é o seguinte: *"Os crentes que eram de circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que também sobre os gentios se derramasse o dom do Espírito Santo"* (At 10.45). A prova deste derramamento consistiu nisto: *"Pois ouviram falar línguas."* A Escritura não diz que Pedro ficasse admirado. Em face das experiências que tivera dias antes, para ele a manifestação sobrenatural do Espírito Santo estava perfeitamente em ordem. Para os outros irmãos judaicos ali presentes, que talvez estivessem alheios ou apenas mentalmente informados dos antecedentes, a manifestação sensível do Espírito Santo nos gentios foi uma surpresa. Para eles, a prova de que esta experiência era obra genuína do Espírito Santo estava no fato de eles ouvirem os gentios, Cornélio e outros falarem em línguas e glorificarem a Deus. A Escritura não diz que Cornélio pedisse batismo. A ideia, ao que parece, partiu de Pedro em face do que havia feito no Pentecostes quando ele mesmo naquele dia orientou os seus ouvintes, dizendo: *"Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado"* e quando, pelo batismo, *"agregaram-se os que se haviam arrependido e aceito de bom grado a sua palavra."* Diante da manifestação visível do Espírito Santo, Pedro não tinha nenhuma dúvida de que Cornélio e os de sua casa estivessem em condições de serem batizados. Portanto, perguntou apenas aos outrora crentes que estavam presentes: *"Porventura pode alguém negar água para que não sejam batizados estes?"* (At. 10.47). Nesta narrativa o centro de atenção eram os crentes da circuncisão, ou a possível objeção por parte destes ao batismo de Cornélio. Não havendo nenhuma objeção, Cornélio e a sua casa foram batizados e conseqüentemente agregados. Tendo sido desfeita sim a separação entre judeus e gentios, estes que no momento foram batizados rogaram a Pedro que demorasse ali alguns dias, e ele ficou. Os novos convertidos que haviam sido batizados precisavam de mais orientação sobre a vida cristã. Os outros, que tinham vindo com Pedro, não ficaram. Estes apenas presenciaram os acontecimentos e não se opuseram ao batismo de Cornélio e dos outros de sua casa. Depois

voltaram e relataram aos irmãos da Judeia que também os gentios haviam recebido a palavra de Deus. A narrativa não diz que esses seis irmãos relatassem a manifestação sobrenatural do Espírito Santo, que tinham visto na casa de Cornélio. Relataram apenas o fato de que os gentios tinham recebido a palavra. As manifestações visíveis do Espírito Santo não constituíram uma finalidade em si no acontecimento, mas o recebimento da palavra, sim. Esses crentes judaicos relataram apenas o fato de que o evangelho havia transposto as fronteiras da nacionalidade.

e) Os efeitos posteriores da interpretação de Pedro - Os aspectos visíveis da atuação do Espírito Santo e de Deus na experiência de Pedro, de Cornélio e dos de sua casa, tiveram por finalidade evidenciar tanto aos judeus ali presentes e outros, a verdade que Pedro enunciou quando perguntou se alguém poderia negar que fossem batizados os que ali se converteram. Na sua defesa perante os crentes judaicos em Jerusalém, Pedro relatou em ordem os fatos da sua experiência e os interpretou. Explicou que a visão que tivera mostrou que ele não deveria mais chamar de imundo o que Deus havia purificado. Explicou também que quando chegaram os homens de Cornélio para chama-lo, o Espírito Santo lhe dissera que fosse com eles sem escrúpulo. Relatou ainda a experiência que Cornélio tivera com o anjo que mandou que o fosse chamar para anunciar o que devia fazer para se salvar. Pedro relatou que a descida do Espírito Santo sobre Cornélio e a sua casa fora semelhante à experiência que os próprios apóstolos tiveram no Pentecostes e que aquela experiência lhe fez lembrar a palavra de Jesus. Pedro interpretou todos estes acontecimentos como obra de Deus. Portanto não pode deixar de ir, pois não pode resistir a Deus.

f) O efeito final da interpretação de Pedro nos demais crentes judaicos - Diante do relatório das experiências objetivas apresentadas por Pedro, e diante da sua interpretação das mesmas, os crentes de Jerusalém apaziguaram-se. Admitiram que *"Deus também aos gentios deu o arrependimento para a vida"* (At 11.18). A interpretação de Pedro e a aquiescência por parte dos crentes em Jerusalém deixaram claro que as manifestações visíveis do Espírito Santo tiveram como

finalidade específica e única mostrar aos judeus de uma vez por todas que também os gentios têm parte no evangelho.

4 - O Espírito Santo no estabelecimento da obra missionária -

A atuação do Espírito Santo na igreja em Antioquia da Síria, onde teve começo a obra missionária coletiva para promover a expansão universal do Cristianismo, foi mais completa do que, mais tarde, na ocorrência do dia de Pentecostes, em Jerusalém. Foi um novo marco na história do Cristianismo. Na narrativa do acontecimento, não encontramos, porém, nenhuma referência a que tivesse havido ali alguma manifestação especial por parte do Espírito Santo. A sua atuação ali não se apresentou com fenômenos externos. A sua atuação foi, por assim dizer, normal e ideal, ao mesmo tempo.

A implantação do Cristianismo e o estabelecimento da igreja em Antioquia foram resultados das atividades natural e espontânea dos crentes dirigidas pelo Espírito Santo. O evangelho entrou em Antioquia através de crentes vindos de Jerusalém, que tinham sido doutrinados pelos apóstolos e que depois foram dispersos pelas perseguições. O estabelecimento da igreja em Antioquia foi obra orientada por Barnabé, que não era apóstolo. As Escrituras dizem que ele era profeta, homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé (At 11.24). Barnabé não era homem de cultura como tinha sido Estevão, por exemplo. Em Barnabé temos um obreiro cheio do Espírito Santo, cujo modo de agir e cuja obra de várias modalidades construtivas constitui um exemplo para os crentes de todos os tempos. A Escritura, porém, não diz que ele procurasse, por exemplo, falar línguas, operar milagres em sinal de estar cheio do Espírito Santo. Barnabé nada deixou escrito: nem temos dele uma palavra que fosse citação direta. Como foi então que ele agiu em Antioquia como homem cheio do Espírito Santo? A sua atuação ali foi a seguinte: a) Reconheceu a graça de Deus na conversão dos gentios, realidade que teria sido bem difícil para o apóstolo Pedro, por exemplo, e os crentes judaicos em geral, mas Barnabé alegrou-se com isto. O seu procedimento faz lembrar que também Jesus, certa vez no seu ministério, alegrou-se no Espírito Santo ao receber o relatório da pregação do evangelho feita pelos seus discípulos (Lc 10.21); b) Barnabé exortou os novos convertidos em Antioquia a perseverarem no Senhor e a se

constituírem em igreja. No entanto, não orou e nem fez qualquer imposição de mãos para que os crentes ali recebessem o Espírito Santo, como Pedro e João o haviam feito em Samaria. Como resultado da atuação de Barnabé em Antioquia, muita gente *"uniu-se ao Senhor"* (At 11.24). Não havendo ali apóstolos a quem pudessem *"agregar-se"*, como se verificou com os convertidos no Pentecostes em Jerusalém, os crentes uniram-se ao Senhor. Formou-se assim em Antioquia a igreja como o corpo de Cristo. O estabelecimento da igreja ali foi orientado por Barnabé que estava cheio do Espírito Santo.

Barnabé reconheceu que ele mesmo não tinha aptidão para desenvolver a igreja. Reconheceu ainda que não era bastante estabelecer a igreja e deixa-la só nisto, ponto este em que nós às vezes erramos: evangelizamos, batizamos e deixamos os convertidos entregues a si mesmos. Barnabé, estando cheio do Espírito Santo, não procedeu assim. Embora não possuísse grande cultura, soube buscar a Saulo, que era culto, e o trouxe para Antioquia e depois ambos *"ensinaram muita gente"* (At 11.26). Em outras palavras, em Antioquia também perseveraram na doutrina à semelhança do que fizeram os crentes em Jerusalém depois de Pentecostes. Em Antioquia, então, pela primeira vez na história do Cristianismo, os discípulos foram chamados de *"cristãos"*. Não somente naquela igreja, mas também na cidade toda foi glorificado o nome de Cristo.

Até esta altura, porém, não encontramos na história do trabalho em Antioquia qualquer menção direta de alguma atuação do Espírito Santo. Só depois de a igreja estar formada, doutrinada e desenvolvida houve uma atuação especial do Espírito Santo. Foi para inaugurar uma obra missionária sistemática. Foi mais um marco na expansão do Cristianismo. Não era bastante que o Cristianismo se propagasse apenas através do trabalho de crentes individuais, na proporção em que eles, motivados por circunstâncias, se espalhassem. Depois de estar doutrinada a igreja de Antioquia, o Espírito Santo falou aos seus obreiros e disse: *"Separaí-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado"* (At 13.2). Não sabemos de que modo falou o Espírito Santo, mas sabemos o que disse. Deu a entender que era dever deles e da igreja enviar seus primeiros obreiros para levarem o evangelho a outras partes do mundo. Os crentes da igreja em

Jerusalém só levaram o evangelho para outros lugares quando surgiram perseguições que os dispersaram. A igreja em Antioquia, pelo contrario, o fez voluntariamente sob a orientação do Espírito Santo. A atuação do Espírito Santo nesta igreja verificou-se num plano mais elevado do que acontecera na igreja em Jerusalém. A obra do Espírito Santo em Antioquia visava o cumprimento da grande comissão de Jesus Cristo. Na história do Cristianismo narrada no livro de Atos, daí por diante, a atuação do Espírito Santo em modalidades objetivas ou especiais só aparece mencionada com relação à propagação do Cristianismo em forma de trabalho missionário.

5

O ESPÍRITO SANTO NA CONSOLIDAÇÃO DOUTRINÁRIA DO CRISTIANISMO

1 - Atuação do Espírito Santo na separação entre o Cristianismo e a lei mosaica

Vamos examinar aqui a atuação do Espírito Santo no concílio em Jerusalém, que foi mais um marco na história do Cristianismo. A narrativa acha-se em Atos 15.1-39. Neste concílio ficou formalmente reconhecido o princípio de que os gentios não precisam guardar a lei mosaica nos moldes do Antigo Testamento. Vamos examinar aqui o processo pelo qual o concílio, sob a orientação do Espírito Santo, chegou à referida conclusão. No caso em questão, temos não somente o estabelecimento da separação formal entre o Cristianismo e o judaísmo, mas também encontramos ali a orientação de como solucionar, sob a orientação do Espírito Santo, os nossos problemas doutrinários e práticos que tenhamos hoje em dia. Vejamos, pois, o seguinte:

A iniciativa de se levar aos apóstolos e anciãos em Jerusalém a questão se os gentios convertidos ao Cristianismo deviam ou não guardar a lei mosaica partiu dos crentes em Antioquia. Lucas

diz que eles "*resolveram*" (At 15.2). Chegaram à conclusão de que deviam examinar a procedência dos judaizantes que ensinaram ser necessário, os crentes guardarem a lei de Moises. Paulo, no entanto, escrevendo sobre o mesmo assunto, diz na Epístola aos Gálatas o seguinte: "*Subi (a Jerusalém) devido a uma revelação*" (Gl 2.2). Aparentemente, há divergências quanto à origem da ideia de haver consulta aos irmãos em Jerusalém sobre o assunto. Perguntemos agora: Foi a ideia uma "resolução" dos crentes em Antioquia, ou foi ela uma "revelação divina" dada a Paulo? Temos aqui um exemplo de uma resolução de crentes coincidir com a revelação divina. A conclusão a que chegou a igreja em Antioquia pelo uso do raciocínio foi interpretada por Paulo como uma revelação. Escrevendo depois aos gálatas sobre a sua autoridade apostólica, Paulo pode dizer que a sua ida a Jerusalém para o concílio foi devido a uma revelação. Temos no caso, portanto, a atuação do Espírito Santo através do raciocínio ou deliberação dos crentes. Solucionar problemas doutrinários e tarefa dos próprios crentes, para o que devem usar a sua inteligência. Pelo uso do raciocínio, em cooperação uns com os outros, podemos receber a direção e solução divina para os nossos problemas. No término do concílio, Tiago interpretou a conclusão a que o mesmo chegara como sendo também o parecer do Espírito Santo. Ele escreveu dizendo: "*Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós*" (At 15.28).

Não basta, porém, tomarmos conhecimento apenas da conclusão a que o concílio em Jerusalém chegou. O que nos interessa neste caso particular é como foi que Tiago pode ter a certeza de que a resolução do concílio era também parecer do Espírito Santo. Para isto, precisamos examinar processo pelo qual Tiago e o concílio agiram e tiveram depois a certeza de que a sua conclusão expressava primeiramente o parecer do Espírito Santo. O método é essencial para a nossa orientação. Perguntamos agora: como foi que a deliberação dos irmãos do concílio revelou a vontade do Espírito Santo? Para podermos responder, precisamos examinar a argumentação de Tiago, moderador da assembleia, cujo parecer foi aprovado por todos e interpretado como sendo, também, o parecer do Espírito Santo.

Notemos que Tiago, na sua argumentação, não se baseou nas experiências que Paulo tivera na sua primeira viagem missionária.

Paulo representava no concílio uma das correntes opostas cujos pontos de vista estavam sendo considerados. O seu testemunho, portanto, não pode ser usado para fins de uma conclusão imparcial. Tiago baseou o seu parecer na experiência anterior de Paulo na casa de Cornélio, experiência esta que Pedro mesmo havia relatado no concílio. Narrou como fora chamado por Deus para que os gentios, Cornélio e os de sua casa ouvissem o evangelho e cressem como de fato creram. Para Pedro, a validade da fé dos gentios, conforme ele mesmo declarou, estava na manifestação visível do Espírito Santo nestes mesmos gentios. Diante desta manifestação, Pedro lembrou-se, disse ele, da palavra de Jesus Cristo, bem como da sua própria experiência no dia de Pentecostes, ocasião em que o próprio Pedro e os demais apóstolos realmente creram no Senhor Jesus Cristo (At 11.17). O que tinha acontecido com Pedro no Pentecostes aconteceu também com Cornélio. Pedro havia reconhecido que, em matéria de fé e salvação, Deus não fazia distinção entre o judeu e o gentio, pois não havia nenhum outro meio de salvação além de Jesus Cristo. Para Pedro, então, a salvação dos gentios pela fé, sem a lei mosaica, era matéria resolvida. Esta experiência e testemunho pessoal de Pedro e a interpretação dada por ele mesmo, porém, ainda não constituíam, para Tiago, bases suficientes para que fosse estabelecida uma doutrina com referência a todos os gentios. Não seria boa ética apresentar as experiências pessoais de Pedro e a sua interpretação também pessoal como uma doutrina para os outros.

Tiago, como moderador do concílio e, pois, imparcial na questão, não considerou apenas a experiência particular de Pedro na casa de Cornélio, tampouco considerou a interpretação dada apenas por ele mesmo como fosse suficiente para uma orientação doutrinária para todos os gentios. Caso assim procedesse, Tiago deixaria, ao menos aparentemente, a impressão de ser pessoalmente contrário ao grupo de crentes que julgaram que os gentios convertidos deviam guardar a lei mosaica, questão que estava sendo examinada por partidos de pensamentos opostos. As nossas experiências e interpretações particulares ou de outros não têm em si qualquer valor ético para que todos as considerem para si como revelação divina. Tiago não formulou, portanto, nenhuma conclusão em tese somente na base da experiência de Pedro. Para ter valor doutrinário, esta experiência

peçoal ou histórica do apóstolo Pedro precisava de um apoio na revelação divina apresentada nas Escrituras Sagradas. Do contrário, a experiência pessoal de um crente não tem valor doutrinário para a orientação dos outros crentes. Por esta razão, Tiago, depois de citar a experiência de Pedro, acrescentou, dizendo: *"Com isto concordam as palavras dos profetas, como está escrito (...) para que o resto dos homens busque ao Senhor, sim, todos os gentios (...)"* (At 15.15,17). Para Tiago, a experiência histórica de Pedro certamente era válida em si. Mas para que ela tivesse valor objetivo ou doutrinário para os outros, era preciso que esta mesma experiência estivesse em harmonia com o propósito de Deus revelado pelos profetas, ou nas Escrituras Sagradas. Nesta profecia acima referida, a chamada dos gentios não é que busquem a lei mosaica, mas sim que busquem ao Senhor. Também na própria chamada de Pedro para que fosse pregar a Cornélio, foi-lhe revelado por Deus que a lei mosaica já não mais estava em vigor em matéria de alimentos, por exemplo, e foi-lhe dito também na ocasião, pelo Espírito Santo, que aceitasse o convite de Cornélio. Diante destes fatos, ambos de procedência divina, a palavra dos profetas e a chamada de Pedro para que pregasse na casa de Cornélio, Tiago concluiu e disse: *"Julgo que não se deve perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertem a Deus"* (At 15.19). Diante de fatos de origem divina, Tiago teve base objetiva e segura para formular a conclusão universal de que o Cristianismo está separado do judaísmo.

Devemos acrescentar ainda que, ao relatar o andamento da deliberação do concílio em Jerusalém, Lucas, o historiador, não diz que Tiago ou os outros ali reunidos atuassem sob alguma orientação especial ou sensível do Espírito Santo. No entanto, ao redigir a carta a ser enviada a igreja em Antioquia, Tiago disse: *"Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor ..."* Ele tinha plena certeza de que a resolução, tomada pelo concílio na base da experiência de Pedro e das Escrituras Sagradas, era também o parecer do Espírito Santo. A experiência missionária de Paulo entre os gentios, embora já tivesse o testemunho da aprovação divina a seu favor, não foi tomada por base para uma decisão doutrinária por tratar-se de uma reunião de controvérsia entre partidos opostos. O seu trabalho só foi reconhecido

doutrinariamente válido à luz das Escrituras Sagradas e da experiência de terceiros, como a de Pedro, por exemplo.

É preciso notar ainda que a manifestação visível do Espírito Santo na casa de Cornélio, citada no concílio, tinha sido prova suficiente para Pedro e os demais crentes judaicos ali presentes, de que também os gentios receberam o dom de crer como havia acontecido também com o próprio Pedro e os demais apóstolos no dia de Pentecostes. O testemunho visível do Espírito Santo na casa de Cornélio foi para mostrar aos crentes judaicos que também aos gentios foi dada a graça de crer e de se arrepender para a vida. O Espírito Santo havia mostrado a Pedro que havia uma relação entre a experiência dos gentios na casa de Cornélio e a sua própria experiência no Pentecostes e que, diante de Deus, em matéria de fé, não havia diferença entre o judeu e o gentio. A finalidade dessas experiências não estava, porém, nos sinais visíveis que as acompanharam. Estes não constituíram em si qualquer base para a ideia de que estes sinais precisassem se repetir na experiência de outros crentes. Os sinais tiveram por finalidade constituir apenas um marco para mostrar, histórica e permanentemente, aos judeus, que também os gentios são salvos por meio da fé em Jesus Cristo e sem as obras da lei.

2 - O Espírito Santo na definição da obra de João Batista em face do Cristianismo

Aqui vamos examinar a manifestação visível do Espírito Santo com relação aos doze discípulos em Éfeso, narrado em Atos 19.1-7. É um caso que tem sido para alguns de difícil interpretação. A sua compreensão, hoje em dia, torna-se necessária particularmente em face das doutrinas heréticas com referência a atuação do Espírito Santo nos crentes. Algumas pessoas julgam, por exemplo, haver no referido caso em Éfeso base para a ideia de haver no Cristianismo dois batismos, um em água e outro no Espírito Santo, ou de uma "segunda bênção" na experiência do crente. Para compreendermos o acontecimento em Éfeso, precisamos focaliza-lo primeiro no seu contexto histórico. Notemos o seguinte: o fato verificou-se na terceira

viagem missionária de Paulo em 54 a. D., aproximadamente. Antes, na volta da sua segunda viagem, Paulo tinha passado por Éfeso, mas sem demorar ali. Os seus companheiros de viagem, Áquila e Priscila, ficaram em Éfeso. Paulo, não podendo ficar, prometeu, no entanto: *"Se Deus quiser, de novo voltarei a vós"* (At 18.21). Quando voltou, Paulo encontrou ali doze discípulos cuja situação espiritual não lhe parecia satisfatória.

Estes homens eram "discípulos", ou crentes. Paulo observou, porém, que aquele grupo ainda faltava alguma coisa. Indagou: *"Recebestes vós o Espírito Santo quando crestes?"* Eles responderam: *"Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo"* (At 19.3). Diante de tal declaração, para inteirar-se mais da situação religiosa destes homens, Paulo perguntou: *"Em que fostes batizados então?"* Havia sido batizados, mas faltou saber em nome de quem. Eles responderam: *"No batismo de João"*. Certamente não podiam ter sido batizados pelo próprio João Batista, pois este já havia sido morto alguns vinte e cinco anos passados ou mais. Os doze homens haviam sido batizados no *"batismo de João"*, ou no rito que João ministrava no seu ministério. Paulo percebeu logo que esses homens conheciam o batismo de João apenas em parte. O batismo ministrado por João era o de arrependimento e, ao ministra-lo, o próprio João dizia aos que vieram a ele para serem batizados, que cressem naquele que havia de vir e que este os batizaria no Espírito Santo. Desta pregação, ou orientação de João Batista, aqueles doze homens não tiveram conhecimento nenhum, embora historicamente tudo já estivesse cumprido. Jesus já tinha vindo e o batismo que João ministrava havia sido completado por Jesus na vinda do Espírito Santo e quando entrou em vigor o batismo, que é ministrado em nome de Jesus Cristo. O rito que estes doze homens haviam recebido como batismo, depois de Jesus Cristo estabelecer a sua obra, não estava mais em vigor. O que estava em vigor era o batismo estabelecido por Jesus Cristo e que simbolizava tanto o arrependimento como também o dom do Espírito Santo, pelo qual os convertidos e batizados se agregaram e constituíram uma comunidade espiritual que mais tarde veio a ser chamada de igreja. Pelo batismo de João, ninguém foi agregado para formação da igreja. Esta era a parte que ainda faltava aos doze homens. A indagação que Paulo havia feito, dizendo: *"Recebestes vós o Espírito Santo quando*

crestes?" era, em outras palavras: Fostes agregados, ou constituístes vós aqui uma igreja, quando crestes e fostes batizados? Era o que faltava neles. Tinham sido batizados, mas não se constituíram em igreja. Depois, então, quando ouviram a explicação de Paulo, os doze homens batizaram-se *"em nome do Senhor Jesus"* (At 19.5). Puseram assim em dia a sua situação espiritual e eclesiástica. O batismo só foi válido quando foi devidamente compreendido pelos candidatos e quando simbolizou as suas experiências espirituais completas e práticas.

Uma vez esclarecidos e batizados em nome do Senhor Jesus, ou tendo recebido, portanto, aquilo que Pedro no dia de Pentecostes havia chamado de *"dom do Espírito Santo"*, estes homens agregaram-se e se constituíram em igreja e Paulo reconheceu como regularizada a situação dos mesmos. Para testemunho público disto, impôs sobre eles as mãos, ou, em nossa linguagem, deu-lhes a mão fraternal. Este ato de Paulo teve também o testemunho de aprovação de Deus através da manifestação visível do Espírito Santo naqueles doze homens. A prova disto estava no fato de que eles falaram línguas assim como isto tinha acontecido com os discípulos de Jesus no Pentecostes uns 25 anos passados. Foi a primeira manifestação sensível ou histórica do Espírito Santo que se verificou no mundo gentílico, fora da Palestina. Além desta prova da atuação divina no estabelecimento do Cristianismo em Éfeso, verificou-se também mais tarde naquela cidade, com relação ao trabalho do próprio Paulo, mais outras manifestações visíveis do poder de Deus, como lemos, por exemplo: *"E Deus pelas mãos de Paulo fazia milagres extraordinários"* (At 19.11). Depois de estar normalizada a situação espiritual e eclesiástica daqueles doze homens e de tudo posto em ordem, Lucas, como historiador, diz que eles profetizaram. Estando devidamente esclarecidos e normalizados, estavam também aptos para explicar ou definir a sua própria situação espiritual.

A situação incompleta dos referidos doze homens em Éfeso era consequência do trabalho deficiente de Apolo que tinha pregado ali antes da chegada de Paulo. Apolo, embora muito ativo, conhecia apenas o batismo de João e este mesmo somente em parte. Era um obreiro a quem Priscila e Áquila precisaram instruir em doutrina e

que, depois de instruído, achou por bem mudar-se de Éfeso. A situação incompleta dos homens era fruto do trabalho desse obreiro pouco preparado. Paulo precisou corrigir os defeitos da obra de Apolo. Com isto, orientou o estabelecimento da igreja em Éfeso. A pergunta de Paulo: *"Recebestes vós o Espírito Santo quando crestes?"* foi feita a discípulos, mas cuja situação eclesiástica ainda não estava completa. Conheciam somente o batismo de João e isto ainda de modo incompleto, batismo que na ocasião não estava mais em vigor. Não conheciam o batismo ordenado por Jesus Cristo, e o batismo que tinham recebido não era o batismo do Cristianismo. A pergunta de Paulo, dirigida aos doze, em nada favorece, pois, aqueles que hoje em dia julgam haver dois batismos, um em água e outro no Espírito Santo. Em nada favorece também aos que ensinam que o crente deve ter uma "segunda bênção". Quem lança mão da ocorrência em Éfeso para semelhantes finalidades revela apenas falta de compreensão das Escrituras e atribui ao caso interpretação errada.

3 - O Espírito Santo na definição das emoções e do entendimento racional da vida cristã

Aqui vamos examinar o problema dos "dons espirituais" na igreja em Corinto. Precisamos notar, logo de início, que o assunto denominado "dons espirituais", relacionado particularmente com a igreja em Corinto, não aparece mencionado no livro dos Atos, ou na história do estabelecimento e propagação do Cristianismo apostólico que é também a história da atuação do Espírito Santo. Daí a dificuldade na interpretação do assunto. A situação que havia na igreja de Corinto, ao que parece, não surgiu ou não teve a sua origem ou causa em nenhuma manifestação especial do Espírito Santo, que fosse um marco na história da expansão do Cristianismo, semelhante aos casos em Samaria, Cesaréia e em Éfeso. O assunto "dons espirituais", portanto, não pertence a série de acontecimentos que revelam ou exemplificam a atuação histórica e progressiva do Espírito Santo que estamos estudando aqui. Não constitui, portanto, nenhum marco, ou nova modalidade na obra do Espírito Santo na história do Cristianismo.

O assunto dos "dons espirituais" ou "dons" que preocupava os crentes de Corinto deve ser considerado como problema apenas local e

de origem puramente humana. Surgiu de causas que deram origem também a outros problemas morais, sociais e doutrinários, que perturbavam aquela igreja, como, por exemplo, dissensões, divisão, tolerância para com um caso de imoralidade, litígio entre crentes perante tribunais pagãos, problema de casamento, dúvidas quanto ao uso da carne sacrificada a ídolos, desvirtuamento da observação da ceia do Senhor, incompreensão em torno da ressurreição dos mortos e outros. O interesse exagerado e errado nos "dons" era apenas um dos problemas que perturbavam aquela igreja. Foi consequência da imaturidade mental e espiritual dos crentes ali. Era mesmo a característica geral do povo da cidade.

O fenômeno ou tendência de práticas exageradas, na esfera de coisas espirituais, que se verificava na igreja em Corinto, carece de qualquer valor histórico que significasse uma revelação divina, que exemplificasse ou interpretasse algum aspecto particular da obra do Espírito Santo. A situação na igreja em Corinto, pois, só pode ser estudada como problema local, particular, de origem humana e não como resultado de alguma atuação especial naquela igreja. A situação não surgiu de algum acontecimento histórico que Lucas, como historiador, registrasse e que tivesse qualquer significado positivo ou doutrinário e que fosse fator marcante na história do Cristianismo. O caso que houve na igreja em Corinto, certamente, tem algum valor para todos os tempos, principalmente para os crentes de hoje, para que não procurem imitar o que os crentes em Corinto procuravam fazer, mas para mostrar o método psicológico, racional e carinhoso pelo qual o apóstolo Paulo corrigiu o pensamento errado dos crentes em Corinto. Da atuação de Paulo no caso, podemos aprender como os pastores e crentes de hoje devem proceder com aqueles que se encontram em circunstâncias mentais e espirituais semelhantes àquelas que havia na igreja em Corinto.

Para focalizar o método pelo qual o apóstolo Paulo solucionou o problema dos "dons espirituais" na igreja em Corinto, julgamos ser necessário analisar aqui, em detalhes, ou fazer uma exegese do texto dos capítulos de 12 a 14 da primeira carta dirigida por Paulo àquela igreja, onde ele trata do assunto. Reconhecemos que tal análise será um trabalho diferente daquele que procuramos apresentar no presente

estudo. Estamos procurando focalizar a atuação histórica do Espírito Santo no estabelecimento do Cristianismo, narrada no livro de Atos. O estudo do caso dos "dons", porém, não será primariamente histórico, mas exegético. No caso dos "dons" na igreja em Corinto, o que merece atenção é a atuação de Paulo corrigindo erros de compreensão e de prática, o que exige a análise do texto e não necessariamente de exposição histórica. Não estando mencionado na história de Atos o caso de Corinto não pertence, de modo direto, ao terreno de atuação histórica e positiva do Espírito Santo. Tendo sido, porém, este assunto dos "dons" frequentemente abordado como se fosse uma interpretação da obra do Espírito Santo, vamos examina-lo aqui, em resumo, focalizando principalmente o método de Paulo em corrigir nos coríntios os erros de interpretação e de prática.

Notemos a declaração do apóstolo Paulo, logo no início da discussão do assunto, do seu desejo de que os coríntios, nesta matéria dos "dons" espirituais, não fossem ignorantes, como de fato o eram. Paulo afirma isto várias vezes na discussão da matéria. O seu desejo e empenho era tira-los dessa ignorância. A situação doutrinária e prática com relação aos "dons" constituiu um perigo para os coríntios. Antes de tratar dos "dons espirituais", Paulo faz lembrar aos coríntios o seu passado quando ainda estavam no paganismo. Diz que eles sabiam como, sendo ainda gentios, foram levados pela sua ignorância e impulsos emotivos e religiosos para ídolos mudos, sem vida e sem entendimento e como, em consequência disto, eram desnorteados. Chamando a atenção para o seu passado, Paulo dá a entender aos coríntios que agora não devia acontecer mais coisa semelhante com eles, pois creram no Deus vivo que orienta os crentes através do Espírito Santo. Faz sentir assim aos coríntios o risco que corriam de ficarem desnorteados em relação aos "dons espirituais" devido à sua falta de compreensão. Daí o empenho de Paulo para orienta-los no assunto.

Em que consistia, então, a ignorância e o perigo dos crentes em Corinto de serem desnorteados? À primeira vista não temos, na discussão de Paulo, uma resposta direta a esta pergunta. O apóstolo não define a ignorância dos coríntios, pois, para eles, isto não era necessário; Paulo apenas procura tira-los dessa ignorância. A sua

maneira de tratar do assunto, porém, deixa claro que os coríntios entenderam, por qualquer motivo, que todo crente, estando em culto e sob a direção do Espírito Santo, devia caracterizar-se pelo falar das línguas ou praticar atos emotivos e sensíveis. Era uma ideia errada que Paulo procurou corrigir. Vejamos agora em resumo os pontos principais no seu esclarecimento do assunto.

a) Atuação essencial do Espírito Santo no homem - Ao iniciar a sua exposição dos "dons espirituais", Paulo, num enunciado incisivo e universal, declara aos coríntios que "ninguém, falando pelo Espírito de Deus, diz: Jesus é anátema! e ninguém pode dizer: Jesus é Senhor! senão pelo Espírito Santo" (1Co 12.3). Deixou patente assim que para ele, Paulo, a atuação do Espírito Santo no homem ou no crente por excelência resume-se nisto: Levar esse mesmo homem a conhecer, ou reconhecer e confessar, Jesus como Senhor. O objetivo da obra do Espírito Santo é levar o homem a aceitar Jesus como Senhor e nunca a dizer ou fazer o contrário. A obra essencial do Espírito Santo não é manifestar-se em expressões emotivas ou a capacitar os homens para qualquer ação sensível. Ele atua na esfera mental, do reconhecimento e da confissão de Jesus como Senhor. Paulo faz saber isto aos coríntios como um fato normal e axiomático. A ação do Espírito Santo no homem não é outra senão apontar para Jesus como Senhor. O Espírito Santo não fala de si mesmo; fala de Jesus e o glorifica no homem. Quem está sob a direção do Espírito Santo; nunca irá buscar outros objetivos senão glorificar a seu Senhor; nunca irá chama-lo de anátema ou nega-lo. Para Paulo o Espírito Santo é o "Espírito de Deus". Foi dado por Deus para levar o homem ao reconhecimento da autoridade e soberania de Jesus. Depois desta declaração categórica e final, Paulo, na sua discussão dos "dons espirituais" que segue, nunca mais emprega o termo específico e essencialmente pertencente ao Cristianismo: "Espírito Santo". Emprega antes o termo "Espírito". Assim encerra Paulo a sua interpretação da obra por excelência do Espírito Santo.

Em face do pronunciamento categórico de Paulo, onde ficam, então, a ideia de "dons", línguas, profecias e as outras atividades sensíveis ou externas em que os crentes em Corinto estavam interessados e que procuravam exercer no culto a ponto de criar

problemas e confusão? Quem segue a Jesus como Senhor sob a direção do Espírito Santo, será que na sua vida de obediência a Jesus irá buscar ocasião para tais coisas? Será que Jesus alguma vez ensinou ou ordenou aos seus discípulos que buscassem ou praticassem tais coisas? Será que o próprio Jesus, tendo declarado: "*o Espírito do Senhor está sobre mim*" (Lc 4.18), alguma vez praticou estas coisas e deixou exemplo para que os seus discípulos fizessem o mesmo? Eles nunca o fizeram, nem revelaram a mínima tendência para isto. A palavra incisiva de Paulo aos coríntios por si só já era bastante para que eles percebessem e deixassem o seu erro. Mas, em face da sua imaturidade mental e falta de compreensão da vida cristã, Paulo interpretou para eles de modo simples e claro a operação do Espírito Santo na vida humana e no Cristianismo, tanto em termos doutrinários como também práticos, visando desfazer o erro dos coríntios tanto na base de ideias como também na prática.

b) As diversidades existentes nos homens - Através do modo de Paulo tratar dos "dons espirituais" na igreja em Corinto, percebemos que os crentes ali entenderam que a presença do Espírito neles devia significar a posse de determinadas capacidades ou "dons" e o exercício de determinadas atividades visíveis, pelo que todos eles buscavam fazê-lo como fosse isto a finalidade do Espírito Santo. Para mostrar a improcedência desta ideia, Paulo apresenta o fato de que os homens, por sua natureza, não são iguais, mas diferentes uns dos outros (1Co 2.4-7). Há neles capacitações naturais e diferentes ministérios sendo, no entanto, todos estes da orientação do mesmo Espírito. Há diferentes ministérios criados pelo mesmo Deus e para a finalidade de servir ao mesmo Senhor. Quem orienta o exercício das diferentes capacitações naturais dos homens, diz Paulo, é o mesmo Deus e ele o faz segundo a sua própria vontade. Não é propósito divino, pois, que houvesse igualdade ou uniformidade nos homens. Não há motivo, pois, para todos quererem fazer alguma coisa só porque alguém, habilitado pelo Espírito alguma vez a realizou na história. Quem orienta os homens no exercício de suas capacidades é o Espírito e ele o faz não somente segundo a sua própria vontade, porquanto a manifestação do Espírito é dada a cada um para a utilidade de todos. As diferenças estão no plano divino. Ninguém

deve, portanto, buscar por sua própria iniciativa ser igual aos outros ou fazer alguma coisa só porque alguém a tenha feito.

c) Dons ou capacitações particulares dadas a indivíduos pelo Espírito (1Co 12.8-11) - Falando sobre os dons concedidos pelo Espírito, Paulo diz que tem havido na história pessoas com conhecimentos, capacitações e operações diferentes. Tem sido casos particulares e para fins históricos também particulares, operados pelo Espírito segundo a sua vontade e não a vontade humana. Paulo descreve alguns desses dons ou ministérios particulares que tem havido na história e que são exemplos da obra do Espírito Santo. Diz, por exemplo, *"a um pelo Espírito é dada a palavra de sabedoria"*, ou a capacidade para coordenar e interpretar em termos racionais os aspectos práticos da vida cristã, mostrando suas origens e relações lógicas. Fala de uma aptidão de caráter divino exercida pelo homem. Um exemplo histórico de tal capacitação foi Estevão. As Escrituras dizem que ele era homem cheio de fé e sabedoria (At 6.10). Paulo menciona mais outra capacitação especial: *"A palavra da ciência"*, ou a compreensão das coisas na esfera de princípios, de interpretação científica, capacitação esta dada por Deus em harmonia com (kata) o Espírito Santo. Como exemplo histórico de pessoa possuidora dessa capacitação citamos Moisés, mencionado por Estevão, quando disse: *"Moisés foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios e era poderoso em palavras e obras"* (At 7.22). A seguir, Paulo menciona também a fé como capacitação especial pela qual o crente eleva-se de uma certeza moral para uma certeza sobrenatural. Um exemplo de tal fé histórica e particular encontramos também em Estevão, que era homem cheio de fé e que na hora da morte, cheio do Espírito Santo, viu a glória de Deus e Jesus que estava à direita de Deus (At 6.5; 7.55). Paulo diz ainda que *"a outro no mesmo Espírito são dados dons de curar"*. Na história do Cristianismo apostólico, tem-se registro de curas físicas operadas na esfera do Espírito (en), como verificou-se, por exemplo, no caso do coxo junto à porta do templo em Jerusalém e também no trabalho de Paulo em Éfeso (At 3.6-7; 19.12). Ainda registraram-se, também, outras operações de milagres como, por exemplo, pelos próprios apóstolos e Estevão (At 2.43; 6.8). Paulo menciona ainda, como dom especial, a profecia, ou a capacidade de falar de improviso, como isto se verificou, por exemplo, com Simeão

(Lc 2.34,35) e Ágabo (At 21.10,11) que divinamente inspirados predisseram acontecimentos futuros. Como capacitação especial, Paulo cita ainda a de discernir os Espíritos, ou de conhecer o caráter de pessoas e de julgar nelas entre a operação genuína do Espírito de Deus e a operação do Espírito maligno. Como exemplo de tal atividade, temos a recomendação em 1 João 4.1, onde o apóstolo diz: "*Provai se os Espíritos vêm de Deus*". Paulo menciona como manifestação especial a "*variedade de línguas*" como se verificou, por exemplo, em Jerusalém, Cesaréia e Éfeso (At 2.8; 10.46; 11.15; 19.6). Fala, também, da interpretação de línguas que eram línguas étnicas. Estas realmente não precisavam de interpretação quando compreendidas pelos ouvintes. O que precisavam interpretar era o significado do fenômeno sobrenatural em si, como, por exemplo, interpretou Pedro o fenômeno no Pentecostes como prova do derramamento do Espírito sobre os apóstolos em cumprimento da profecia de Joel, e o fenômeno na casa de Cornélio como prova de que também os gentios receberam o Cristianismo.

Depois de mencionar estes exemplos da operação especial do Espírito de Deus na história do Cristianismo e da revelação, Paulo deixa claro que os casos particulares não são exemplos para que todos os crentes busquem fazer o mesmo. Eram casos particulares e para finalidades também particulares, operados pelo Espírito segundo a sua vontade e não a vontade dos homens. Finalmente Paulo pergunta: "Porventura são todos apóstolos? (...) são todos operadores de milagres? (...) falam todos em línguas?" (1Co 12.29,30). Para Paulo, portanto, estava totalmente fora de ordem os coríntios quererem exercer algum "dom" só porque alguém o exerceu alguma vez na história do Cristianismo. Pelo fato de um crente estar sob a orientação do Espírito, não quer dizer que deva imitar operações especiais ou históricas de outros crentes motivados pelo mesmo Espírito. Por ter havido na história crentes que falassem línguas ou operassem milagres, por exemplo, não significa que todo crente deve procurar fazer o mesmo, simplesmente por estar sob a orientação do Espírito. Paulo deixa claro que é preciso distinguir entre a atuação do Espírito em casos particulares ou para fins históricos, dada em cada membro segundo ele mesmo quer, e a sua atuação essencial, ensinada por Jesus, que é para todos e em todos os tempos.

4 - A unidade dos crentes na igreja (1Co 12.17-27)

O uso das suas diferentes capacitações e ministérios pelos crentes na igreja tem, em última análise, uma só finalidade. São ministérios que eles ainda prestam a Cristo como Senhor. Paulo explica aos coríntios que as diversas funções são ao mesmo tempo unidas, usando para isto como ilustração o funcionamento dos membros em um corpo ou organismo vivo. No corpo há diversidade de membros e de funções, mas a finalidade de todos é uma só: servir ou concorrer para o bom funcionamento do próprio corpo. Cada membro exerce a sua função particular visando o corpo. Este, para existir e atuar, depende de cada membro particular. Depois de dar esta ilustração, Paulo declara que todos nós fomos batizados em um Espírito formando um corpo e todos temos bebido de um "Espírito" (1Co 12.13). O nosso batismo simbolizou não somente o arrependimento, mas também a nossa agregação a igreja para a formação do corpo místico de Cristo. A nossa unidade na igreja, então, de acordo com Paulo, é a unidade do Espírito que habita em todos e nos une em Cristo, como seu corpo.

Assim explicou Paulo a unidade dos crentes na igreja ilustrando-a com a unidade dos membros no corpo. A unidade dos crentes não está em todos serem iguais em capacitação ou em todos exercerem a mesma atividade, mas está em todos possuírem a mesma experiência com Cristo e em estarem todos na igreja, entregues ao cuidado do mesmo Espírito. Em Cristo e na igreja e através dela estavam os coríntios unidos e eram também mutuamente necessários uns aos outros. Eram como membros no corpo, colocados por Deus cada um no seu lugar, pois foi ele quem criou o corpo e estabeleceu a operação de cada membro.

5 - Diferentes ministérios na história da igreja universal (1Co 12.28-31)

Depois de explicar a unidade da igreja, dizendo: "*Vós sois corpo de Cristo, e individualmente seus membros*", Paulo acrescenta e interpreta ainda outras diversidades que têm existido na história da igreja: a de obreiros e de atividades. Ele diz: "*A uns Deus pôs na igreja*". Menciona, então, várias categorias de obreiros que têm havido na igreja. Menciona primeiro os apóstolos, os doze escolhidos por

Deus e dados a Jesus e também alguns outros designados com este nome: Paulo, Barnabé, Tiago (Rm 16.7). No começo, ou no estabelecimento da igreja, os apóstolos eram seus primeiros líderes como testemunhas diretas que eram de Jesus Cristo. Depois, Paulo menciona também profetas, pessoas especialmente vocacionadas para pregar. Menciona ainda doutores, pessoas com capacidade e vocação para ensinar nas igrejas. Na igreja de Antioquia, por exemplo, havia profetas e doutores. Paulo fala também de operadores de milagres e outras atividades que houve na igreja e através das quais esta foi estabelecida. Menciona operação de milagres, de maravilhas, dons de curar, socorros ou beneficência; governos ou pessoas capazes para presidir, e outros como intérpretes de línguas. Na história da igreja, em determinadas ocasiões, todas estas atividades foram exercidas. Foram atividades particulares, determinadas por Deus, para necessidades em situações também particulares.

Depois de focalizar assim as coisas históricas, obreiros e funções, que têm havido na formação da igreja, Paulo pergunta aos coríntios: *"Porventura são todos apóstolos?"* Certamente que não. Quem mais poderia ser apóstolo, no sentido histórico do termo, senão as testemunhas oculares de Jesus? Foram estes os que constituíram o fundamento humano e histórico da igreja. Igualmente também o foram os outros: profetas, doutores, operadores de milagres. Paulo pergunta: *"Todos têm dons de curar?"* Certamente que não. Paulo leva assim os coríntios a entenderem que as diferentes categorias de obreiros e de atividades históricas eram casos particulares e não para serem buscadas por todos os crentes. Os obreiros e atividades particulares e históricas não são exemplos para todos os seguidores como tais. A unidade da igreja não está, pois, em todos os seus membros fazerem a mesma coisa, que alguém ou alguns, por determinação divina, alguma vez tenha feito. As capacitações e funções especiais que têm havido na igreja em determinadas ocasiões não são para serem almejadas por todos. Ser cristão não significa imitar as formas históricas das atividades dos outros. Era ponto doutrinário que os coríntios ainda não tinham compreendido. A seguir, Paulo passa a apresentar aos coríntios as coisas melhores que eles devem buscar, que são para todos e para todos os tempos, em vez de buscar imitar atividades particulares que têm havido na história.

6 - O dom mais excelente para todos os crentes, (1Co 13.1-13)

Depois de focalizar o valor relativo das capacitações e atividades históricas ou particulares, verificadas na igreja ou na história de sua formação, e depois de mostrar a unidade dos crentes em Cristo, ou na igreja como seu corpo, Paulo aconselha os coríntios que busquem os melhores dons. Ele diz: *"Eu vos mostrarei um caminho sobremodo excelente"* do que aquele que estavam procurando seguir. Apresenta, então, o amor como o dom mais excelente do que qualquer outro que possa ser exercido na igreja. Paulo descreve então o amor, abordando o seguinte:

a) A superioridade do amor (1Co 13.1-3) - O apóstolo declara a inutilidade dos outros dons como, por exemplo, o dom de falar línguas se não houver amor. Ele menciona este dom em primeiro lugar. Isto dá a entender que era esta a prática almejada pelos coríntios. As línguas sem o amor, diz Paulo, de nada valeriam. Fala depois dos outros dons: de profecia, ciência, a fé para levar a efeito obras excepcionais; menciona ainda obras de caridade mesmo com o sacrifício da própria vida em favor dos outros. Todos estes dons sem o amor nada seriam. Assim, Paulo mostra aos coríntios que os aspectos históricos ou externos da atuação dos crentes nada valem sem a motivação do amor. A prática do amor, pois, deve ser o objetivo dos crentes e a base da sua união em Cristo na igreja.

b) Características do amor (1Co 13.4-7) - Como solução para o problema dos coríntios, Paulo recomenda-lhes que cultivem o amor devido aos seus valores morais e éticos, que transcendem todos os outros dons ou capacitações. Crentes possuídos e motivados pelo amor nunca serão problemas para si mesmos nem para os outros. Suas atitudes e procedimento nunca causarão escândalo, jamais criarão problemas e conflitos nas suas relações sociais por causa de diferenças nos seus dons. O apóstolo mostra ainda a natureza permanente do amor. Os outros dons, como a profecia, línguas, conhecimentos científicos, por exemplo, darão lugar ao amor ou ao seu domínio nas relações morais e éticas. O aperfeiçoamento da vida cristã não se verifica na esfera do conhecimento objetivo, nem na interpretação racional, pois são imperfeitos.

c) O processo do aperfeiçoamento da vida cristã (1Co 13.8-13) - Paulo explica que o aperfeiçoamento da vida cristã se verifica na transição do que é parcial para o que é perfeito. Para ajudar os coríntios a compreenderem isso, Paulo explica-lhes que o crescimento natural do homem e o crescimento espiritual do crente prossegue de atividades emotivas para aquelas que se caracterizam pela compreensão moral e ética. Paulo ilustra este processo comparando-o com seu próprio desenvolvimento pessoal. Ele diz: *"Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino."* Na meninice, as manifestações de simples afetividade ou de sentimento estavam perfeitamente em ordem. A conduta infantil, mesmo ininteligível para a mente de adultos, é perfeitamente natural numa criança. Esta conduta, porém, não constitui o ideal para o adulto. Paulo diz: *"Mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino"*. É o processo normal do desenvolvimento de uma pessoa.

O processo que se verifica no desenvolvimento natural ou físico do indivíduo precisa verificar-se também na vida espiritual do crente e nas suas atividades na igreja. O que inicialmente era feito espontânea e emotivamente precisa tornar-se consciente, compreendido e voluntário. Na igreja, ninguém deve, portanto, continuar a atuar sempre como um infante. Muito menos ainda deve procurar cultivar as atividades infantis como fossem estas em si o objetivo ou o alvo para o crente. Mesmo as afetividades infantis, embora belas e perfeitamente em ordem na criança, devem dar lugar a um amor inteligente, a uma apreciação inteligente, moral e ética. Seria uma anormalidade se uma criança continuasse sempre na esfera de atividades apenas emotivas.

Para completar a sua apresentação do amor como o caminho mais excelente para a vida cristã, Paulo explica também os seus aspectos ideais. Mostra, por exemplo, que o nosso conhecimento atual é indireto e mediato, mas o conhecimento que está diante de nós e que é semelhante ao que Deus tem de nós, será direto e imediato, ou face a face. Neste processo, então, a fé como uma experiência empírica e aceitação axiomática, e a esperança como uma realização das potencialidades que há nos crentes, cumprir-se-ão e completar-se-ão no amor. O progresso do amor natural e do crente em particular vai do

amor afetivo para o amor inteligente, apreciativo e ético, que transcende e deixa para trás as suas formas transitórias e imperfeitas. Daí a razão por que Paulo recomenda aos coríntios o caminho do amor como o caminho mais excelente da vida cristã, que deve ser preferido acima de todos os demais dons.

7 - O problema das manifestações emotivas desordenadas na igreja em Corinto (1Co 14.1-40)

Depois de apresentar a superioridade do amor na vida cristã aos dons que os coríntios estavam buscando, Paulo passa a orientar longamente quanto às manifestações emotivas desordenadas que se verificaram em seus cultos. Era o assunto em que eles se mostravam completamente ignorantes e desorientados. Na sua orientação referente à "língua" e "línguas", Paulo não faz qualquer menção ao Espírito de Deus. Isto dá a entender que o assunto em foco era psíquico e não proveniente de nenhuma atuação divina. Inicialmente Paulo emprega o termo "*língua*" no singular. Diz, por exemplo, "*o que fala língua*". O termo no singular indica um estado emocional que se manifestava visivelmente. Não indica nenhuma atividade de falar línguas inteligentemente como aconteceu nos casos em Cesaréia e Éfeso, por exemplo. Ao que parece, os coríntios usavam o termo "*língua*" quando se referiam às suas manifestações simplesmente emotivas. Somente mais adiante na exposição de Paulo sobre o assunto o termo aparece também no plural significando línguas étnicas.

a) Contraste entre falar "língua" e profetizar (1Co 14.1-5) - Paulo não explica objetivamente o que era a "língua" na igreja em Corinto. Para os próprios coríntios, isto não era necessário explicar, pois eles sabiam de que se tratava. Mas, para nós, que não temos nenhuma informação histórica sobre o fenômeno, torna-se necessário procurar descobrir de algum modo indireto o sentido do termo ou a linguagem usada por Paulo e que os coríntios certamente entenderam. Paulo recomendou aos coríntios, por exemplo, que preferivelmente procurassem profetizar e não falar a "língua" porque a "língua" ninguém entende. Daí se vê que o falar "língua" dos coríntios não era coisa inteligível. Mais adiante, quando Paulo menciona o uso de línguas étnicas, ele emprega o termo no plural. Quando este é o caso,

diz que deve haver interprete. Mas quando trata da "língua" como uma manifestação simplesmente emotiva, não menciona interprete, pois não era coisa que alguém pudesse compreender e interpretar. No entanto, Paulo admite que mesmo isto pode ter valor diante de Deus que não depende de linguagens inteligíveis dos homens. Admite também que para aqueles que dão expansão às suas emoções, tal manifestação pode ter algum valor sensível mesmo sendo apenas expressões emotivas sem palavras articuladas. Na igreja, porém, é preferível, diz Paulo, falar inteligentemente porque isto concorre para a edificação da igreja, o que não acontece quando há apenas "língua" ou expressões simplesmente emotivas que ninguém entende.

Paulo certamente não censura de modo direto e ostensivo as expressões emotivas dos coríntios nem o uso de línguas étnicas na igreja. Insiste, porém, que é melhor para todos o profetizar ou falar as coisas inteligentemente do que simplesmente dar expansão às emoções. Quem profetiza, diz Paulo, é maior; presta maior serviço do que aquele que fala no seu próprio idioma étnico, a menos que haja interprete para que a igreja toda receba edificação. Do contrario, tanto as expressões simplesmente emotivas como o uso de uma língua étnica não têm valor nenhum na igreja a não ser que haja intérprete.

b) A natureza da "língua" e línguas na igreja em Corinto (1Co 14.6-23) - Através de uma longa orientação que Paulo dá aos coríntios, e através dos apelos à reflexão que lhes faz, podemos ter uma ideia bastante clara do que era aquilo que se verificava na igreja em Corinto e que foi designado pelos seus membros como falar línguas. Paulo pergunta, por exemplo: *"Que vos aproveitaria se eu for ter convosco falando línguas [étnicas] e se eu de algum modo não me fizesse entendido, seja isto pela revelação divina, ciência, profecia ou pregação ou ensino, ou doutrina"*. Paulo faz um apelo ao senso de proveito ou utilidade, o que é fundamental na compreensão das coisas. O apóstolo dá a entender que tudo o que se faz na igreja deve trazer algum proveito. Do contrário, as línguas, por exemplo, não têm razão de ser na igreja. Em vez de responder de modo imediato a pergunta, Paulo leva os coríntios a usar o seu próprio raciocínio. Ele explica, por exemplo: Mesmo os inanimados instrumentos musicais, que produzem sons, precisam produzir sons distintos. Do contrário, como se

conhecerá o que se toca? Paulo prossegue com outra pergunta também sem resposta: *"Se a trombeta der sonido incerto, quem se preparará para a batalha?"*

Depois destas perguntas em termos ilustrativos, Paulo prossegue dizendo: *"Assim também vós, se com a língua não pronunciardes palavras bem inteligíveis, como se entender ao que se diz?"* Da a entender o que é óbvio, que quando se fala alguma coisa é preciso fazer-se entendido. Do contrário, seria falar ao ar, o que seria irracional. Através destas perguntas, acompanhadas de sugestões e apelos ao raciocínio dos coríntios, podemos perceber, nesta altura, que as línguas deles eram sons indistintos, palavras inarticuladas, sem sentido. Pelo seu modo de tratar do assunto, Paulo levou os coríntios a refletirem, a caírem em si, a perceberem que aquilo que estavam fazendo, como se espiritual fosse, não tinha utilidade alguma. Paulo explica ainda mais, dizendo que no mundo ou na natureza física há tantas espécies de vozes, e cada uma tem o seu próprio significado. Como poderia haver, então, na igreja expressões emotivas, ou mesmo como poderia haver o uso de uma língua étnica que não tivesse algum significado para os ouvintes? Tanto quem ouve como quem fala precisa entender. Do contrário, um seria bárbaro para o outro.

Paulo não se manifesta diretamente contrário ao uso de línguas étnicas nos cultos dos coríntios, nem mesmo contrário às manifestações emotivas deles visto serem ainda crianças quanto ao desenvolvimento mental. Insiste junto deles, no entanto, com a ideia de que deve haver alguma utilidade prática naquilo que fazem nos cultos. Diz, por exemplo: *"Quero que faleis línguas, mas muito mais que profetizeis"*, que faleis alguma coisa inteligível, que seja para a edificação da igreja. Paulo aconselha aos coríntios que o uso dos seus dons seja para edificação, ou para alguma utilidade. Quem dá expansão aos seus sentimentos, por exemplo, deve cuidar também do significado disto para os outros. A oração ou o cântico no culto, por exemplo, não devem ser apenas expressões emotivas. Estas podem, certamente, dar alguma satisfação ao sentimento, mas com isto só o entendimento não tem proveito algum. Que fazer, então, no culto para que tanto o sentimento como também o entendimento fique satisfeitos? E orar com inteligência e consciência que de sentido aos

atos sensíveis. Paulo continua e pergunta: Ao contrário, não havendo no culto nenhuma ação inteligente, o indouto, o estranho que assistir, como poderá tornar-se participante quando não sabe o que se diz ali? Toda atuação do indivíduo no culto precisa ser compreendida ou ser compreensível e benéfica para todos. O processo do culto não deve ser só para satisfazer sentidos físicos; deve satisfazer também à inteligência. Com referência a sua própria vida emotiva, Paulo escreve aos coríntios: *"Falo em línguas mais do que vós todos. Todavia, na igreja eu antes quero falar cinco palavras com o meu entendimento, para que possa também instruir os outros"*. Este modo de Paulo orientar os coríntios revela o ambiente que havia nas reuniões daquela igreja. Havia muita movimentação, muitas vozes, mas que ninguém entendia. Era ambiente de crianças sem entendimento e sem ordem.

Paulo certamente não reprova de modo ostensivo a conduta barulhenta dos coríntios que eles consideravam como fosse atividade espiritual. Em matéria dos dons eles eram totalmente ignorantes. Comportavam-se como meninos no entendimento. Paulo enfrentou o problema da necessidade de orientar estes crentes em matéria que dependia de entendimento. Fez o apelo que não fossem meninos no entendimento. Sendo imaturos, como eram, Paulo diz que antes fossem crianças na malícia, mas adultos no entendimento; era exatamente isto o que faltava neles, pois pensavam que os dons espirituais fossem manifestações emotivas, sons inarticulados, sem sentido algum, como acontece com crianças quando brincam, correm, gritam sem nenhuma finalidade inteligente ou consciente.

A seguir, Paulo leva os coríntios a refletirem sobre o fato de que sua tendência de buscarem falar ou se expressarem de modo incompreensível era sinal para infiéis e não para fieis. Receber ou esperar tratamento numa linguagem estranha ou desconhecida era, por exemplo, castigo aplicado a prisioneiros de guerra. O vencedor nunca se dirige aos vencidos na língua destes, mas na sua própria, entendam estes ou não. Para mostrar que tal tratamento em questão e para os infiéis e não para os fieis, Paulo cita a Escritura que diz: *"Por gente de outras línguas, (...) falarei a este povo, e ainda assim não me ouvirão"* (14.21). O que os coríntios, na sua ignorância almejavam e

buscavam pensando que fosse alguma coisa boa, era na realidade o castigo de Deus para os infiéis e não um "dom" de Deus para os fieis.

c) Impressão desfavorável da conduta dos coríntios no culto (1Co 14.23-25) - Além dos aspectos desfavoráveis da sua atuação no culto para os próprios coríntios já mencionados e que eles, na sua ignorância, não compreenderam, Paulo mostra-lhes outra consequência possível, ainda pior, e o seu procedimento no culto podia deixar na opinião pública, a de que o mesmo podia ser considerado como sinal de loucura. Ele diz: *"Se, pois, toda a igreja se reunir num mesmo lugar, e todos falarem em línguas, e entrarem indoutos ou incrédulos, não dirão porventura que estais loucos?"* Certamente, isto pode acontecer em uma reunião onde cada um usa o seu próprio idioma, e onde outros sem idioma nenhum emitem zunidos incertos, sons inarticulados, palavras mal pronunciadas. Paulo não responde à pergunta. Também não afirma que isso tivesse acontecido, ou pudesse acontecer. Ele apenas chama a atenção dos coríntios para o perigo de serem considerados como loucos diante do seu comportamento. A pergunta e a advertência de Paulo revelam a situação perigosa e escandalosa em que estava a igreja em Corinto devido a sua falta de entendimento das coisas espirituais.

Por outro lado, porém, Paulo apresenta aos coríntios a superioridade da profecia, do uso de linguagem ou de atividades na igreja que podem ser entendidas. Ele diz: "Se todos profetizarem", se falarem compreensivelmente das coisas de Deus, e se entrar algum indouto ou não crente, ele será esclarecido pela palavra compreensível e será julgado pela sua própria consciência e pela verdade de Deus. Numa reunião da igreja, onde se compreende o que se diz e faz, o indouto reconhece a sua própria situação e, como diz Paulo, "adorara a Deus, declarando que Deus está verdadeiramente entre vós." Um trabalho compreensível na igreja leva o infiel a reconhecer o seu pecado e a operação de Deus. Foi o que aconteceu, por exemplo, no Pentecostes. Quando o povo ouviu as maravilhas de Deus testemunhadas compreensivelmente pelos apóstolos e quando Pedro, inteligentemente, explicou o que estava acontecendo, muitos se converteram.

8 - A solução do problema de confusão na igreja em Corinto (1Co 14.26-40)

Até aqui o apóstolo Paulo mostrou progressivamente aos coríntios a sua situação errada, prejudicial e mesmo escandalosa perante o público. Não era fácil para Paulo corrigir os erros da falta de compreensão e da conduta daqueles crentes que eram ignorantes em matéria de assuntos espirituais e que ao mesmo tempo eram meninos no entendimento. Sem condenar diretamente a ignorância e o comportamento errado dos coríntios, Paulo corrigiu a situação com uma só orientação. Uma só receita foi suficiente para curar o mal. Na sua segunda carta aos coríntios, Paulo nem menciona mais o problema das *"coisas espirituais"*. Sua receita, se fosse aplicada, corrigiria também qualquer outra heresia e conduta errada semelhante a dos coríntios que quase sempre é consequência da falta de compreensão das Escrituras e de imaturidade mental.

Diante da situação da igreja exposta e dos perigos que ela envolvia, Paulo pergunta: *"Que fareis, pois, irmãos?"* ou diante da situação diante de vós, que é preciso fazer? Paulo percebeu que a solução do problema não podia depender de entendimento; não podia ser mediante doutrinação. Os coríntios não estavam em condições de entender doutrina e de corrigir-se por sua própria iniciativa. Nada teria adiantado se Paulo procurasse doutrinar os que ainda eram meninos no entendimento. Paulo percebeu que a solução só podia ser prática ou mediante determinações que os coríntios deviam fazer com ou sem entendimento, visando resultados práticos. Os efeitos da sua ignorância eram públicos: falta de edificação na igreja, perigo de parecerem como loucos para o público em geral. A solução precisava vir da orientação de Paulo, pois os próprios coríntios não estavam em condições de dar solução à situação.

Antes de apresentar qualquer orientação prática sobre o problema, Paulo pergunta: *"Que fazer, pois, irmãos?"* na situação existente. Paulo então focaliza o ambiente que havia na igreja e os coríntios quando ela se achava reunida. Ele diz: *"Quando vos congregais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação"* (v.26). Quando a igreja estava reunida, cada um ia e se apresentava para fazer e não para ouvir e entender

alguma coisa. Um comparecia com algum salmo para cantar, outro tinha trazido alguma doutrina para ensinar, outro estava lá para divulgar alguma revelação ou experiência que tivesse tido, outro estava lá para dar expansão as suas emoções, falando línguas que eram simples zunidos incertos, ou palavras mal pronunciadas e sem nenhum sentido compreensível, e mais outro estava na reunião pronto para interpretar caso alguém falasse e precisasse ser interpretado.

Assim, na reunião da igreja em Corinto cada um estava pronto e julgava-se com direito a liberdade de exercer algum dom ou atividade pessoal, segundo o seu modo de entender, ou mesmo sob mero impulso do momento, sem nenhuma atenção a ordem ou finalidade do culto. Na descrição de Paulo, a confusão na reunião da igreja de Corinto era impressionante. Cada um fazia o que queria ou agia como sentia-se impulsionado no momento. Fazia o que viesse à mente sem nenhuma atenção à finalidade. O ambiente era tal que um indouto, alheio ao que estava passando, como disse Paulo, podia ter a impressão e dizer que os reunidos estavam loucos (v.23), todos fazendo alguma coisa ao mesmo tempo: um cantando, outro pregando, outro doutrinando, outro expressando suas emoções agitadas pelo ambiente e sem sentido nenhum, e outros interpretando a alguém que falasse em algum idioma étnico desconhecido. Diante deste quadro da reunião, Paulo faz a pergunta: Nesta situação, "que fazer, pois, irmãos?" ou que fazer para melhorar o ambiente?

Em vez de procurar modificar o ambiente dos cultos daquela igreja com algum doutrinamento, Paulo apela novamente para a própria finalidade da reunião. Diz: *"Faça-se tudo para a edificação"* da igreja. Para os coríntios, uma necessidade ou finalidade prática das suas próprias atividades era mais compreensível do que seria uma apresentação de algum conceito abstrato sobre a ordem no culto, por exemplo. Antes de entrar em alguns detalhes práticos da sua orientação, Paulo apela para a própria finalidade do culto: a edificação da igreja. Toda a atividade, todo o exercício de "dons" na reunião deve ter este objetivo. Quando este objetivo é compreendido ou aceito em princípio, torna-se mais fácil aceitar, também, a necessidade de compreensão em todos os detalhes práticos.

Depois de enunciar novamente o princípio *"Faça-se tudo para edificação"*, ou nada seja feito na igreja que não seja compreensível e de proveito para todos, Paulo manda aplicar este mesmo princípio na situação da igreja. Diz, por exemplo: *"Se alguém falar em língua, faça-se isso por dois, ou quando muito três, e cada um por sua vez, e haja um que intérprete"* (v.27). O fato de Paulo começar com o falar de língua, ou com as manifestações emotivas dos coríntios, deixa claro que era este o grande problema naquela igreja. O apóstolo determinou logo de início que no culto deve haver ordem, que os que falam em língua façam-no em grupos de dois ou três, e ainda cada um por sua vez. Determina ainda que, se não houver intérprete, esteja calado na igreja; fale consigo e com Deus; fale sozinho em casa, mas não na igreja, onde tudo deve ser compreensível e para a edificação de todos.

Paulo estabelece também que, no culto, mesmo os profetas devem observar a ordem quando falam ou pregam. Mesmo os que falam coisas inteligíveis e úteis devem observar a ordem. Paulo diz: *"E falem os profetas, dois ou três e os outros julguem"* (v.29). Certamente, os dois ou três não podem falar ao mesmo tempo, mas sim um após o outro. Também numa reunião não deve haver mais de dois ou três para usar a palavra. Os outros profetas devem acompanhar o orador com a sua atenção e julgar o que está dizendo. Paulo acrescenta ainda que, no caso de algum profeta que estiver ouvindo o outro falar e que sentir o impulso ou desejo para dizer alguma coisa sobre a mensagem do orador que estiver com a palavra, este então deverá calar e dar a palavra a quem tiver a revelação ou impulso para falar. Paulo dá a entender que no culto nenhum profeta pode falar e dizer o que quiser sem os outros profetas o julgarem e fazerem suas observações quando o queiram, fazer.

Havendo a exigência e observação de ordem no culto pelo dirigente, ninguém poderá monopolizar a reunião, falando sozinho e dizendo o que quiser. Havendo ordem ou regulamento, todos poderão ter ocasião para profetizar ou na mesma reunião ou em outra, mas sempre um após o outro. Assim, também, todos poderão aprender uns dos outros, e todos poderão ser consolados ou edificados na sua vida cristã. Tal ordem e tais resultados são possíveis e certos, diz Paulo, porque *os espíritos dos profetas, os seus impulsos, estão sujeitos aos*

próprios profetas (v.32). O profeta, mesmo estando com a palavra, saberá calar-se e dar a palavra ao outro. Saberá aprender dos outros e edificar-se juntamente com eles.

A necessidade de ordem no culto, para Paulo, não é questão da vontade humana. Antes é determinada pela própria natureza de Deus. O apóstolo diz: *"Deus não é Deus de confusão, mas sim de paz"*. Para ser aceitável a Deus, o culto deve ser realizado em ordem. Precisa ser ordeiro, pacífico, com a participação inteligente e voluntária de todos. Paulo explica também que a ordem no culto não é a necessidade apenas para a igreja em Corinto, mas é também *"para todas as igrejas dos santos"*. A sua orientação sobre o estabelecimento de ordem nas reuniões é válida, portanto, para todas as igrejas. Na igreja, o indivíduo, seja ele dado a falar em língua, ou seja, ele profeta, não pode atuar segundo os seus próprios impulsos nem segundo a sua vontade. Antes ele deve observar a ordem e estar submisso sabendo que esta é a exigência da própria natureza de Deus.

Além de dar orientação sobre a ordem no culto para os que querem falar em língua e profetizar, Paulo trata também da conduta das mulheres (v.35). Ele diz: *"As mulheres estejam caladas nas igrejas."* Geralmente o elemento feminino é mais dado a manifestações emotivas do que o masculino. A ordem no culto depende muito, pois, das mulheres. Na sua recomendação sobre as mulheres, Paulo baseou-se, porém, no fato de que a condição social da mulher é de submissão ao homem, determinada por Deus quando entrou o pecado no mundo. A observação da condição da mulher, estabelecida por Deus, favorecia naturalmente a ordem na igreja em Corinto e também nas igrejas em geral. Paulo diz: *"É indecoroso para a mulher o falar na igreja."* Por princípio, é indecoroso que as mulheres falem na igreja, ou que ensinem e exerçam autoridade sobre os homens. Em face da sua condição social, pois, Paulo diz ainda: *"E, se querem aprender alguma coisa, perguntem em casa a seus próprios maridos; porque é indecoroso para a mulher o falar na igreja."* Se este princípio precisa ser observado em qualquer ambiente social, muito mais ainda precisava ser observado no ambiente da igreja em Corinto para solucionar ali o problema de confusão.

A seguir, na sua orientação para solucionar o problema da falta de ordem nos cultos da igreja em Corinto, surgida da incompreensão dos crentes com referência ao uso dos dons, Paulo mostra ainda aos coríntios que eles precisam ouvir também a palavra dos outros como a do apóstolo, por exemplo. Ele pergunta: *"Porventura foi de vós que partiu a palavra de Deus? Ou veio ela somente para vos?"* (v.36). O Cristianismo que havia nos coríntios não tinha surgido deles mesmos. Antes surgiu do trabalho missionário de Paulo e de outros. A orientação sobre a ordem dada aos coríntios não era só para eles; era também para todas as igrejas. Em matéria de princípios e de conduta, a igreja em Corinto precisava aprender também das outras e enquadrar-se no seu padrão.

Nesta conexão, Paulo explica que ser profeta, como alguns em Corinto se julgavam, implica reconhecer que a orientação do apóstolo sobre a ordem no culto é mandamento de Deus e que esta era também para as demais igrejas. No Cristianismo, uma igreja não pode afastar-se em princípio das outras, como acontecia com a igreja de Corinto, que não somente estava dividida entre si, mas também se achava separada das outras em matéria de conduta. Com referência ao uso dos dons e a falta de ordem nos cultos, os coríntios estavam separados das outras igrejas do tempo apostólico. Nas outras não havia semelhantes problemas. A compreensão destas coisas de princípios e de prática para Paulo era sinal de quem realmente era profeta ou intérprete do Cristianismo. "Mas, se alguém ignora isto, ele é ignorante" (v.38). Para Paulo, se alguém não aceitasse esta orientação, isto era problema dele. Neste caso também, não servia de exemplo para os outros; estava separado deles. As igrejas e obreiros, embora independentes e autônomos, em matéria de princípios e conduta, não devem afastar-se uns dos outros. Cada igreja deve aprender das outras e enquadrar-se na unidade e comunhão com as outras, na base dos mandamentos de Deus.

9 – Recapitulação e conclusão (1Co 14.39-40)

O apóstolo Paulo termina a sua orientação sobre os "dons espirituais" para solucionar a falta de ordem e a confusão que havia na igreja em Corinto, com uma palavra resumida e cordial. Em face do que havia exposto, ele diz: *"Portanto, irmãos, procurai com zelo o*

profetizar, e não proibais o falar em línguas". Repete o que já dissera quando escreveu: "*Segui o amor; e procurai com zelo (...) profetizar*" (v.1). Agora, na conclusão, Paulo acrescenta: "*(...) e não proibais o falar em línguas*" (v.39). O que deve caracterizar as relações dos crentes na igreja é o amor, como o dom por excelência. O que deve haver também é o intercâmbio inteligente de ideias entre os crentes para o proveito mútuo. Se alguém na igreja quiser falar em línguas, diz Paulo, "não proibais". Não se deve proibir expressões e atividades espontâneas, devendo haver, porém, ordem, intérprete e possibilidade de entender. Não se devem proibir atividades espontâneas, quando proveitosas para todos, ou quando são compreensíveis por si ou mediante intérprete. Mesmo assim, deve haver ordem, como no caso dos que profetizam, por exemplo, devendo cada um falar por sua vez. Nesta conclusão do assunto, Paulo não menciona o falar em língua como simples manifestação emotiva sem sentido e sem significado para quem ouve. Pelo fato de ninguém entender tais expressões emotivas, estas não têm lugar na reunião da igreja. Isto não quer dizer que seja proibido falar em língua. Se alguém sente o impulso para se expandir emotivamente, faça-o em casa, mas não na igreja, onde toda atividade deve ser inteligível e para a edificação de todos.

O apóstolo Paulo termina a sua orientação sobre a solução do problema da desordem na igreja dos coríntios mostrando que a solução dependia finalmente deles mesmos. Deles dependia, por exemplo, buscar profetizar e não proibir falar línguas. Ao mesmo tempo, porém, Paulo declara categoricamente que em matéria de culto, eles devem fazer tudo decentemente e com ordem. Sem isto não pode haver culto. O motivo desta declaração é que "*Deus não é Deus de confusão, mas sim de paz*" (v.33). Deus não é adorado no meio de confusão e desordem. Paulo adverte, pois, os coríntios contra o perigo de anarquia espiritual e litúrgica que resultaria de cada crente seguir seus próprios impulsos e vontade. O culto deve ser belo, harmonioso e com decoro litúrgico. Para isto, o crente como indivíduo deve na igreja submeter-se ao que convém para a edificação de todos.

Conclusão

1 - Ensino de Jesus sobre o Espírito Santo, exemplificado em fatos históricos

Na conclusão do presente estudo sobre o Espírito Santo, devemos reafirmar ainda o fato de que o significado prático dos ensinamentos doutrinários se acha exemplificado na história do Cristianismo, narrada no livro de Atos e nas Epístolas do Novo Testamento. Doutrina só pode ser compreendida e só é válida quando exemplificada na experiência prática. Este princípio aplica-se na interpretação de qualquer assunto e em qualquer campo de conhecimento. A certeza sobre o valor do significado de um enunciado doutrinário depende de sua exemplificação na prática.

O ensino direto de Jesus sobre o Espírito Santo foi dado em forma doutrinária, antes que ele atuasse e realizasse a sua obra na experiência histórica. Também, por outro lado, a realização desta obra pelo Espírito Santo dependia de Jesus ter completado o seu ministério. A compreensão do ensino de Jesus só pode vir após ele consumir a obra da redenção. É no cumprimento prático do ensino de Jesus na história de Atos que precisamos distinguir entre a doutrina de Jesus propriamente dita e os aspectos externos que se verificaram na história, relatada no livro de Atos. Os aspectos que se verificaram na história ou na experiência sensível, mas que não foram mencionados por Jesus no seu ensino, eram aspectos apenas transitórios e não tiveram em si nenhum valor permanente.

À luz dos ensinamentos de Jesus, pois, é que devemos achar na história do livro de Atos a obra essencial e permanente do Espírito Santo. É nesta mesma base que devemos julgar também toda e qualquer experiência que tenha ocorrido ou esteja ocorrendo na história do Cristianismo. Por outro lado, não devemos e nem podemos formar uma doutrina e julgá-la adequada só na base das experiências históricas dos apóstolos, a não ser quando estas se encontrem preditas e interpretadas no ensino de Jesus. As coisas que se verificaram na experiência histórica dos apóstolos, mas que não foram mencionadas

por Jesus no seu ensino, não tem valor doutrinário e prático para nós, a não ser para fins puramente racionais e secundários. Não constituem exemplos que devêssemos imitar ou observar. Assim como os aspectos práticos do ensino de Jesus sobre o Espírito Santo foram exemplificados na experiência histórica dos apóstolos, do mesmo modo também toda a experiência com o Espírito Santo que outros crentes de qualquer tempo apresentem, deve exemplificar e deve ser interpretada quanto ao seu valor permanente à luz do ensino de Jesus. Por exemplo, quanto ao falar línguas, que se encontram mencionadas em várias ocasiões no livro de Atos e na Primeira Epístola aos Coríntios, Jesus nunca mencionou o assunto. Daí podemos afirmar com segurança que tais fenômenos não são essenciais à obra do Espírito Santo propriamente dita. Isto não quer dizer, todavia, que tais fenômenos, quando constituíram marcos na história, não tenham tido algum significado imediato só para a ocasião, mas não têm por isto valor doutrinário ou permanente para outros crentes em outros tempos.

2 - Evolução da obra do Espírito Santo da esfera empírica para a racional

Na evolução do processo da atuação do Espírito Santo na experiência cristã, observamos o mesmo processo ou diretriz ascendente que encontramos na sua atuação na história da revelação divina e na revolução da própria vida humana como um todo. A atuação do Espírito Santo começa na esfera empírica ou externa e prossegue para a plena consciência própria, de compreensão racional e de relações éticas. No Antigo Testamento, por exemplo, no princípio da história da revelação especial, o homem inspirado ou possuído pelo Espírito de Deus caracterizava-se por uma força física e intensa emoção religiosa. Mais tarde, na história da revelação, o homem inspirado ou o profeta, nos começos desta função teocrática, era conhecido como vidente, ou quem entendia melhor as coisas do que os outros. A inteligência das pessoas inspiradas ia tomando predomínio sobre as emoções. Depois nos grandes profetas, a atuação do Espírito Santo de Deus era essencialmente moral e ética. Estes profetas não eram essencialmente operadores de milagres. Antes, eram interpretes do que devia ser a vida moral, ética e espiritual dos homens. Este

progresso na atuação do Espírito de Deus culminou em Jesus como Filho do homem. Ele mesmo declarou: "*O Espírito do Senhor está sobre mim*" (Lc 4.18). No entanto, a atuação do Espírito do Senhor em Jesus não era essencialmente espetacular ou caracterizada por sinais visíveis. Os sinais que fazia eram obras de Deus Pai, ou determinadas por ele (Jo 10.25), eram obras de Deus. A atuação de Jesus neste mundo era perfeitamente normal, ou natural, mas sem deixar de ser sobrenatural ou divina. Em Jesus cumpriu-se o ideal expresso por Deus através do profeta Isaías referente a atuação do Espírito de Deus sobre o Messias (Is 22.2; 42.1-2).

Este mesmo processo ou progresso ascendente observamos também no modo de o Espírito Santo operar no estabelecimento e na propagação do Cristianismo primitivo. Mesmo antes do Pentecostes, no modo de Jesus Cristo se expressar após a sua ressurreição, nas suas referências ao Espírito Santo, observamos que houve este mesmo processo progressivo na qualidade da sua atuação. Começou na esfera empírica e passou depois para a esfera moral e racional. A primeira referência de Jesus Cristo ressurreto ao Espírito Santo foi empírica. Ele soprou sobre os seus discípulos e disse: "*Recebei o Espírito Santo*" (Jo 20.22). Foi o ato inicial simbólico ou ilustrativo. Mais tarde, na ocasião de sua ascensão, Jesus Cristo interpretou aos discípulos a vinda do Espírito Santo como revestimento de poder. Falou-lhes em termos de uma ação reflexa em que os próprios discípulos deveriam tomar parte ativa, deveriam esperar em Jerusalém e eles o fizeram em oração e súplicas e com participação numérica de outros crentes cada vez maior.

Após o cumprimento histórico da promessa de Jesus Cristo no Pentecostes, observamos este mesmo progresso na atuação do Espírito Santo prosseguindo de aspectos empíricos para a esfera consciente e racional. No seu começo histórico, o Cristianismo como obra divina nos homens era essencialmente empírico e unilateral, com maravilhas operadas por Deus através dos apóstolos. A atuação do Espírito Santo criou e expressou-se nos cristãos primitivos como espontaneidade para a formação de uma comunidade espiritual cujos aspectos essenciais eram ideais. Na continuação do progresso do Cristianismo histórico, porém, o aspecto espontâneo e emotivo ia decrescendo gradativamente

e o aspecto moral e voluntário na conduta dos crentes precisou crescer e predominar. A atuação do Espírito Santo nos cristãos expressou-se, por assim dizer, cada vez mais natural, ou semelhante ao processo do desenvolvimento da própria vida humana no crente, quando a conduta emotiva ou espontânea do primeiro amor precisa ser substituída por uma prática das primeiras obras. Foi por esta razão que o apóstolo Paulo ensinou também aos coríntios que na sua vida cristã seguissem este mesmo processo, que deixassem para tais as emoções e que desenvolvessem em si a vida cristã baseada no entendimento. A conduta do crente espiritualmente desenvolvido não deve basear-se ou depender apenas de motivações empíricas que caracterizavam a sua vida cristã no seu começo histórico. Antes deve basear-se na consciência própria, maturidade na compreensão racional e vontade espontânea motivada pelo amor, que o Espírito Santo estabelece como ideal e padrão permanente para o crente em quem ele habita e tem atuação livre.

3 - Atuação ética do Espírito Santo na esfera das relações pessoais

No ensino de Jesus e do apóstolo Paulo, a atuação do Espírito Santo é apresentada como sendo essencialmente ética e não apenas empírica (Jo 14.16,26; 15.26; Rm 8.14-16). Jesus prometeu o Espírito Santo como uma pessoa para atuar junto às personalidades dos discípulos e dos homens em geral, principalmente na esfera de suas relações pessoais ou éticas, e não meramente na esfera de suas motivações psicológicas. Para ser devidamente compreendida, a atuação do Espírito Santo precisa ser estudada essencialmente na esfera das relações éticas da vida cristã.

A experiência cristã não está limitada ou baseada apenas na fé como aceitação espontânea ou axiomática de Jesus Cristo como Salvador. Baseia-se também no testemunho ou na atuação racional ou interpretativa do Espírito Santo junto ao nosso Espírito. Pela fé em Jesus Cristo, o homem como pecador torna-se filho de Deus e possuidor da vida eterna. Como fato empírico, esta experiência é o

dom de Deus. Este dom, no entanto, é apenas o início da vida cristã; é o nascimento espiritual. O tornar-se filho de Deus pela fé em Jesus Cristo, porém, não significa ainda que o crente já tenha realizado ou que tenha entrado nas relações éticas e completas da sua própria filiação. Para ilustrar este aspecto inicial da vida cristã do convertido, esta pode ser comparada com o processo da sua vida natural. Para o filho realizar as suas relações éticas de filho, não basta ele ter entrado na família pelo nascimento físico. Depois de nascido, ele ainda precisa ser tratado ou criado como filho. É preciso ainda, por exemplo, que os pais o chamem de filho, que lhe testifiquem que ele é filho e não bastardo. É através deste tratamento, ou testemunho dos pais e de outros, pois, que o filho realmente torna-se filho no sentido ético do termo. Além do nascimento, como experiência empírica, o filho de Deus precisa também da experiência ética do testemunho e atuação pessoal do Espírito Santo.

Jesus declarou aos seus discípulos que o Espírito Santo, cuja vinda prometeu, testificaria dele e que eles, os discípulos, da sua parte também testificariam. Disse que o Espírito Santo os guiaria em toda a verdade, que seja ela referente a Jesus Cristo, quer seja referente a eles próprios como seus discípulos. Também o apóstolo Paulo afirma este mesmo fato quando diz que o "Espírito Santo testifica", ou dá o seu testemunho, "junto ao nosso Espírito de que somos filhos de Deus" (Rm 8.14-16). O Espírito Santo leva-nos a entender a verdade ou significado de que somos em nós mesmos e da relação que temos com Deus. O fato de sermos filhos de Deus e de termos a liberdade e coragem moral para afirmar conscientemente e com plena certeza vem da atuação do Espírito Santo em nós e não é apenas o resultado imediato da nossa experiência com Jesus Cristo pela fé. Afirmamos que somos filhos de Deus na base da experiência pessoal e do testemunho do Espírito Santo. Além de sermos filhos de Deus, empiricamente, é necessário ainda que o Espírito Santo, como pessoa e na base da sua própria autoridade divina, testifique e interprete junto ao nosso espírito o fato de que somos filhos de Deus. Este testemunho divino é uma necessidade ética e essencial à nossa experiência cristã. Só na base da sua própria fé e autoridade o crente ainda não está devidamente habilitado a dizer aos homens: "Eu sou filho de Deus". Caso o fizesse, estaria eticamente suspeito, pois falaria de si mesmo e

daria testemunho a seu próprio respeito. Quando o crente sente-se levado e não hesita testemunhar dá sua própria filiação com Deus ou da sua experiência cristã e o faz com plena consciência e certeza racional, ele tem em si o testemunho do Espírito Santo, e é na base deste testemunho divino que o crente tem certeza de que ele pode dar um testemunho eticamente válido de que ele é filho de Deus.

Devemos notar ainda que, no ensino de Jesus e de Paulo, a obra do Espírito Santo no crente é essencialmente racional e ética e não apenas emotiva e moral. Quando Jesus prometeu aos discípulos a vinda do Espírito Santo, disse que ele os guiaria em toda a verdade. Deixou claro assim que o Espírito Santo iria atuar no raciocínio dos discípulos. Prometeu o Paraclito Companheiro, pessoa divina para os guiar na esfera de suas relações pessoais com Deus e com os homens em geral e na interpretação destas mesmas relações. Também o apóstolo Paulo disse: *"Aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus"; "O Espírito mesmo testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus"* (Rm 8.16). A atividade do Espírito Santo verifica-se na esfera do entendimento do crente e dos homens em geral. A sua atuação é a de uma pessoa divina e em todas as relações pessoais. O efeito da obra do Espírito Santo no crente é distinto do efeito da sua fé em Jesus Cristo. A fé é espontânea, empírica; é a aceitação axiomática da verdade. A esfera da fé é a experiência. Quem crê em Jesus Cristo tem a vida eterna como realidade empírica e axiomática. Quem toma o alimento, por exemplo, satisfaz suas necessidades físicas. Tanto a ação de tomar o alimento como os seus efeitos são fatos da experiência empírica e não dependem necessariamente de uma compreensão racional. Estes fatos, no entanto, podem ser interpretados racionalmente e o precisam ser para uma compreensão do processo da vida orgânica.

O Espírito Santo atua na base dos efeitos produzidos no crente pela sua fé em Jesus Cristo. O Espírito Santo dá-lhe o testemunho de que ele se tornou mediante a fé e interpreta as novas relações que se estabelecem no momento quando ele creu em Jesus Cristo. O crente tornou-se filho de Deus em termos de experiência. Pela atuação ou testemunho do Espírito Santo ele é levado a compreender racionalmente o que ele é por crer em Cristo e as relações criadas

entre ele e Deus. A compreensão racional desta mesma experiência em suas relações éticas é obra do Espírito Santo.

No momento em que cremos em Jesus Cristo como Salvador, o Espírito Santo atua em nós por sua iniciativa pessoal e dá testemunho ao nosso espírito, levando-nos a entender de modo objetivo as relações que se estabeleceram, mediante Cristo, entre nós e Deus Pai. O Espírito afirma-nos a nossa filiação com Deus e nos leva a compreender a natureza e alcance dela. Leva-nos a compreender, também, a relação que ainda existe entre nós e o mundo e dá-nos a garantia da nossa libertação completa da morte física como consequência do pecado. Pelo Espírito Santo, somos guiados, pois, à compreensão e realização da verdade completa da nossa filiação nas suas relações e finalidades éticas.

4 - O fruto do Espírito Santo por excelência como sinal de maturidade na vida cristã

À luz do ensino de Jesus e dos seus apóstolos, a obra por excelência do Espírito Santo é a implantação do amor de Deus nos crentes. Não é sua finalidade primária manifestar-se em sinais visíveis na esfera de emoções. Embora tais manifestações tenham ocorrido no Cristianismo histórico como casos particulares, as mesmas não constituem o objeto essencial da atuação do Espírito Santo. Quando Jesus interpretou a obra do Espírito, não mencionou manifestações sensíveis, como o falar em outras línguas, por exemplo, ou outras. Quando Jesus falou da vinda do Espírito Santo, falou também da permanência dos discípulos nele e no seu amor. Mencionou o novo mandamento e disse: "*Permanecei no meu amor*". Falou do amor dos discípulos para com Deus e de uns para com os outros. Explicou ser este o fruto que glorifica a Deus e o que caracteriza os seus discípulos (Jo 15.8,9). O Espírito Santo cria relações de amor e ética entre os crentes e Deus e entre eles mesmos, e obediência espontânea e voluntária a Jesus Cristo.

Embora o livro de Atos, como narrativa dos começos do Cristianismo histórico e como exemplificação prática dos ensinamentos de Jesus, não mencione diretamente o amor como sendo a característica dos crentes primitivos, atuantes sob a direção do Espírito Santo, a

realidade do seu amor como fato não deixa nenhuma dúvida. É natural e compreensível não haver nesta fase empírica do Cristianismo uma referência direta. Não é da alçada da história interpretar motivos subjetivos, mas sim relatar fatos externos. Mesmo assim, a história do livro de Atos menciona fatos como sejam: a unidade entre os crentes primitivos, comunhão, alegria, espontaneidade nas atividades cristãs e a impressão agradável exercida sobre o público em geral, fatos tais que só podem ser interpretados como frutos do amor criados neles pelo Espírito Santo.

As Epístolas de Paulo e de outros, porém, que interpretam tanto os aspectos práticos como também os significados doutrinários do Cristianismo, mencionam inúmeras vezes o amor como fruto da atuação do Espírito Santo nos crentes. Citemos aqui algumas referências como exemplos, ao amor, como relação à atuação do Espírito Santo. Paulo, escrevendo aos Coríntios sobre os dons espirituais, diz: *"Segui o amor"* (1Co 14.1). Declara ainda ser o amor a base e o objetivo final da vida cristã e descreve as suas características. Para Paulo, nenhuma capacitação e operação do crente tem valor sem a motivação do amor. Na carta aos Gálatas, descrevendo o "fruto do Espírito" e enumerando as virtudes cristãs, Paulo menciona o amor em primeiro lugar (Gl 6.22). Não menciona ali nenhuma manifestação visível como sendo fruto do Espírito. Na Epístola aos Romanos, Paulo declara de modo direto e formal: *"O amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado"* (Rm 5.5). Esta interpretação da procedência do amor como característica dos crentes reflete o ensino de Jesus de ser o amor de Deus no crente como uma relação afetiva, apreciativa e ética, o fruto do Espírito que nele habita e opera.

APÊNDICE

O presente esboço está baseado na exposição da matéria feita por Robertson e Plummer na obra *The International Critical Commentary*, da editora Charles Scribner's Sons, segunda edição.

ESBOÇO DOS CAPÍTULOS 12, 13 e 14 DA PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

Introdução - Nestes capítulos o apóstolo Paulo corrige certos abusos que havia entre os coríntios com relação a assuntos espirituais.

V.2 - Vós sabeis que, quando ainda éreis gentios, fostes frequentemente levados, não por revelação divina, mas pela vossa ignorância, costumes, ou falsos sacerdotes e impulsos para ídolos mudos, sem vida e sem entendimento, e assim fostes desnorteados, o que não deve acontecer agora quando credes no Deus vivo e que orienta o crente através do seu Espírito".

I - A atuação especial do Espírito de Deus no homem (12.1-3). Falar pelo Espírito consiste em dizer ou reconhecer que Jesus é o Senhor.

II - As diversidades que, evidentemente, existem nos homens (12.4-7).

1 - Diversidade nas capacitações pessoais, mas o Espírito é o mesmo.

2 - Diversidade no ministério ou serviços como expressão dessas mesmas capacitações, e todos eles visam o mesmo senhor (Cl 3.24)

3 - Diversidade de operações, ou de realizações, ou manifestações externas de poder, mas o Deus é o mesmo. Toda expressão externa de poder vem dele (Ef 3.7; Cl 1.29; 2.12). Deus é a causa primeira. Quem coordena o exercício destas aptidões na igreja é o Filho. O Espírito efetua a operação em cada indivíduo ou o dom como ele acha por bem.

4 - O objetivo comum destas diversidades todas é a utilidade. A manifestação ou atuação do Espírito em cada indivíduo é dada para aquilo que é útil.

III - Dons ou capacitações particulares dadas a crentes individuais pelo Espírito (12.8-11).

1 - Sabedoria. Aptidão de caráter divino e humano.

Amor ao conhecimento. Capacidade para coordenar e interpretar racionalmente os aspectos práticos da vida cristã, mostrando origens e relações lógicas. Conhecimento dado através (*dia*) do Espírito. Ex.: Estevão.

2 - Ciência, ou conhecimento de coisas ou princípios.

Dada em harmonia com o Espírito (*kata*). Capacidade para interpretação científica. Ex.: Moisés.

3 - Fé, ou capacitação do homem para colocar-se acima de uma certeza moral, ou numa esfera sobrenatural (*en*). Ex.: Estevão.

4 - Dons de curar (*en*). Ex.: Pedro.

5 - Maravilhas. Ex.: Apóstolos.

6 - Profecia. Ex.: Ágabo, Simeão, Barnabé.

7 - Discernimento ou capacitação para perceber o caráter de pessoas, para julgar entre a operação do Espírito de Deus e a operação do Espírito maligno nele (1Jo 5.1).

8 - Línguas ou idiomas falados. Pentecostes, Cesaréia, Éfeso.

9 - Interpretação. As línguas que foram faladas no Pentecostes foram interpretadas por Pedro como prova do derramamento do Espírito sobre os apóstolos (At 2.8,16-18; 11).

10 - O exercício desses dons todos vem do Espírito; é dado segundo a sua vontade e não a do homem.

IV - O exercício das diversas capacidades e ministérios prestados a Cristo como Senhor e exemplificado no funcionamento do corpo (12.12-27).

1 - No corpo há diversidade de membros, mas o próprio corpo é um só, sendo o batismo nele a experiência de um só Espírito (Ef 6.15). O

batismo em água e o batismo no Espírito são simultâneos. Unidade é a do Espírito, mesmo.

2 - A unidade dos membros na igreja no corpo de Cristo exemplificada pela unidade do corpo físico (12.14-17).

3 - No corpo, cada membro foi colocado por Deus no seu próprio lugar. Foi ele quem formou o corpo (12.19,20).

4 - Todos os membros têm a necessidade mútua uns dos outros (12.21-25).

5 - Embora diferentes uns dos outros, os membros constituem uma unidade estabelecida por Deus para exercerem cuidado mútuo.

6 - Como igreja e nela os coríntios eram um corpo em Cristo (12.27).

V - As funções ou operações distintas e históricas estabelecidas por Deus na igreja universal (12.28-31).

1 - Diversidade de obreiros.

a) Apóstolos, os doze que foram escolhidos por Deus e também os outros designados com este nome, Paulo, Barnabé, Tiago (Rm 16.7).

b) Profetas, os especialmente vocacionados por Deus para pregar.

c) Doutores, possuidores do Espírito de sabedoria e de ciência, especialmente vocacionados para o ensino.

2 - Diversidade de operações. Funções, atividades.

a) Milagres, maravilhas.

b) Dons de curar.

c) Socorros.

d) Governos, liderança.

e) Línguas.

3 - Todas estas eram operações particulares ou históricas.

VI - Os dons mais excelentes para todos ou dons permanentes ou históricas - Amor e profecia (13.1-13).

1 - Sem o amor, os dons de nada valem (1-3).

2 - As características do amor (4-7). Superioridade do amor quanto à sua duração.

3 - O crescimento normal do homem e do crente das emoções para o entendimento (11-13).

4 - Segui, portanto, o amor (14.1).

VII - O problema da língua ou expressões emotivas na igreja em Corinto (14.1-10).

1 - Depois do amor, em importância, está o profetizar ou a situação inteligente e inteligível.

2 - Contraste entre o falar línguas e o profetizar (14.1-5).

a) As línguas como expressões emotivas edificam ou satisfazem só o próprio indivíduo.

b) O profetizar edifica a igreja.

3 - A natureza das línguas na igreja em Corinto (14.6-23).

a) "Quero que faleis línguas", que deis expansão a emoções, mas principalmente quero que profetizeis, que interpreteis e atueis inteligentemente ou com raciocínio.

b) As línguas na igreja de Corinto não eram línguas faladas como as no Pentecostes. Não vieram do Espírito Santo. Não tiveram nenhuma atividade objetiva (6).

Eram sons inarticulados, sem significado (7-8).

Eram palavras mal pronunciadas através de línguas ou emoções (9).

e) Não tinham nenhuma utilidade para a edificação mental ou do entendimento.

f) Eram coisas praticadas por pessoas imaturas, meninos no entendimento.

Eram sinais para os infiéis.

Deixaram a impressão no público de que fossem sinais de loucura (23).

4 - A superioridade de quem profetiza, ou fala inteligentemente (14.24,25).

Convence o indouto, o infiel.

Leva-o a reconhecer a atuação de Deus. Ex.: Pentecostes.

5 - Solução para o problema de línguas na igreja em Corinto (26-40).

a) A pergunta "Que fareis, quando reunidos?", ou quando cada um quer dar expansão às suas emoções, indica a situação ou o problema que existiu na igreja. Remédio para o problema.

Seja feito tudo para a edificação (26).

Se alguém quiser falar língua, ou dar expansão às emoções, haja interprete, ou, então, não falem línguas (27,28).

d) Haja ordem, fila, controle de impulsos (29-33). Isto deve haver mesmo nos que profetizam. Todos podeis participar. Deus, porém, não é de confusão.

e) As mulheres estejam caladas na igreja (34,35). Isto já é costume nas igrejas em geral.

f) Cada um ouça também a palavra dos outros (36-38). Esta é característica do profeta, que entende alguma coisa. Ele aprende também dos outros.

g) No culto haja uso de inteligência e não apenas de emoções. Procurai profetizar ou falar coisas inteligentemente.

h) Em tudo haja decência e ordem, no profetizar e nas línguas ou expansão de emoções.

Neste livro, o autor propõe-se a estudar a obra do Espírito Santo "nos termos ou na perspectiva histórica do cristianismo primitivo". O

ponto de partida é Jesus Cristo - sua pessoa e seu ensino acerca do Espírito Santo.

A sequência lógica e natural é o exame dos Atos dos Apóstolos para interpretar as experiências que os apóstolos tiveram com o Espírito Santo, desde a vinda histórica do mesmo Espírito, no dia de Pentecostes, até a sua atuação na propagação do cristianismo histórico.

Três diretrizes básicas norteiam esta pesquisa histórica:

1. Na apreciação do valor da história que é narrada no livro de Atos, é necessário fazer-se uma separação entre a mensagem e os seus aspectos visíveis e externos;
2. É imprescindível considerar-se a natureza dos fatos históricos - eles não podem ser repetidos nem imitados;
3. Nenhuma experiência pessoal deve ser tomada como base para a formulação de uma doutrina do Espírito Santo, se não estiver em harmonia com o exemplo e ensino de Jesus e dos apóstolos.

Trata-se de uma obra em que o autor consegue harmonizar profundidade teológica e abrangência no tratamento do assunto, com simplicidade de linguagem e concisão de estilo.



Pastor Dr. Reynaldo Purim